



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

João David Silva dos Santos Barros

CONSCIÊNCIA CRÍTICA E VALORES POLÍTICOS
ESTUDO EXPLORATÓRIO

**Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área de
especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e
Aconselhamento, orientada pela Professora Doutora Maria Jorge Ferro e
apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade de Coimbra.**

Julho de 2023

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus queridos pais, Alice e Aníbal, que nunca deixaram de me apoiar ao longo deste percurso, garantindo todas as condições necessárias para a realização tanto da minha formação acadêmica como pessoal. A dedicação, o sacrifício e o cuidado por parte da minha família foram crucial para a conclusão desta etapa da minha vida. Sem eles nada disto seria possível.

Não poderia deixar de mencionar a minha irmã Leonor, que independentemente de todas as discussões e dores de cabeça que causamos um ao outro, nunca deixei de encontrar nela um apoio incondicional. Por estes motivos e mais alguns, o meu obrigado à minha prezada família. Espero um dia poder retribuir em dobro todo este amor e carinho recebido.

O meu agradecimento especial para a Professora Doutora Maria Jorge Ferro, por toda a disponibilidade, aconselhamento e auxílio que me proporcionou ao longo da realização deste mestrado. A boa energia, partilha de conhecimento e compreensão que sempre pude contar da sua parte foram sempre um exemplo e um incentivo para mim.

Por último, mas não menos importante, o meu obrigado a todos os meus amigos mais próximos. Ao Pedro, Luís, Tito, Hugo, Duda, Mariana, João Vítor, Deodato, Naära e Nuno, o meu agradecimento por muitas vezes acreditarem mais em mim do que eu próprio. Por todos os risos, choros e aprendizados que vivemos em conjunto, os momentos que vivi com cada um de vocês nunca serão esquecidos e serão sempre por mim lembrados como uma das melhores fases da minha vida.

Resumo

O presente estudo exploratório procurou examinar uma possível correlação entre a consciência crítica e os valores políticos. A metodologia mista consistiu, numa primeira fase, num inquérito online com uma amostra de 163 indivíduos que responderam a uma série de escalas concebidas para medir a consciência crítica (ShoCCS, Diemer, Frisby, Pined, Bardelli, Elliot, Harris, McAlister, Voight, 2020), versão traduzida e ainda por publicar de Almeida e Ferreira (2020); os valores políticos autoritários de direita (RWA, Altemeyer, 1981) e a desejabilidade social (EDS-20, Simões, Almiro, Sousa, 2014). O segundo momento da investigação (qualitativo) foi composto pela realização de entrevistas a participantes que, na fase anterior, tinham deixado o seu contacto para a continuação do estudo; este grupo foi composto por 10 indivíduos que responderam a 17 questões que procuraram apurar os dados obtidos na recolha online. A posterior análise dos dados confirmou uma correlação linear fraca e negativa entre as variáveis. Assim sendo, o estudo permite-nos apontar para a leitura de que à medida que a consciência crítica aumenta, os valores políticos autoritários de direita diminuem. Estes resultados são importantes para compreender como a consciência crítica pode afetar as atitudes das pessoas no que diz respeito aos valores políticos e podem ter implicações práticas para a educação cívica e cidadania. Nesse sentido, ao analisar as entrevistas, algumas considerações podem também ser agora registadas: a religião, o meio (rural ou urbano) onde se vive, a convicção nas novas ideias pessoalmente construídas, as experiências e sua elaboração pessoal, a disponibilidade para estudar e refletir sobre os dados da realidade circundante, a predisposição para a obediência ou a conformidade com as normas, os processos de identificação e contra-identificação, a educação familiar e a escola, a conceção de exemplo ou de modelos de comportamento que se experienciam na infância e adolescência e, mais tarde, o propósito na vida. Quaisquer destes constructos estão estudados por diversos trabalhos na Psicologia e nesta investigação, de carácter exploratório, pudemos retirá-los das narrativas breves produzidas aquando do trabalho empírico.

Resulta, enfim, a grande questão: poderá a psicologia ajudar a compreender os mecanismos de formação e desenvolvimento da consciência crítica dos seres humanos? Estará a psicologia a tomar em consideração tudo o que já sabe acerca do desenvolvimento humano (cognitivo, moral, psicossocial) para apoiar a construção de comunidades (sociedades) mais livres, plurais e seguras? Nova investigação será necessária, mas pensamos que a abordagem aqui apresentada pode deixar alguns véus já levantados e contribuir também para a consciência crítica nesta área do saber.

Abstract

This exploratory study sought to examine a potential correlation between critical consciousness and political values. The mixed-methodology approach comprised, in its initial phase, an online survey with a sample of 163 individuals who responded to a series of scales designed to measure critical consciousness (ShoCCS, Diemer, Frisby, Pined, Bardelli, Elliot, Harris, McAlister, Voight, 2020), a translated and yet unpublished version by Almeida and Ferreira (2020); right-wing authoritarian political values (RWA, Altemeyer, 1981); and social desirability (EDS-20, Simões, Almiro, Sousa, 2014).

The second phase of the research (qualitative) involved conducting interviews with participants who, in the previous phase, had provided their contact information for the continuation of the study. This group consisted of 10 individuals who responded to 17 questions aimed at refining the data obtained from the online survey. Subsequent data analysis confirmed a weak negative linear correlation between the variables. Therefore, the study allows us to suggest that as critical consciousness increases, right-wing authoritarian political values decrease. These findings are significant for understanding how critical consciousness can impact individuals' attitudes toward political values and may have practical implications for civic education and training.

In this context, while analyzing the interviews, some considerations can also be noted: Religion, the living environment (rural or urban), personal conviction in self-formed new ideas, personal experiences and their elaboration, willingness to study and reflect on the surrounding reality, predisposition toward obedience or conformity with norms, processes of identification and counter-identification, family upbringing, school, the concept of examples or behavioral models experienced during childhood and adolescence, and later in life, the purpose in life. Each of these constructs has been examined in various works in psychology, and in this exploratory research, we were able to extract them from the brief narratives produced during the empirical work.

In conclusion, the overarching question arises: can psychology assist in understanding the mechanisms of formation and development of critical consciousness in human beings? Is psychology taking into account all it already knows about human development (cognitive, moral, psychosocial) to support the construction of more free, diverse, and secure communities (societies)? Further research will be required, but we believe that the approach presented here may have already unveiled some aspects and can also contribute to the understanding of critical consciousness in this field of knowledge.

Índice

Introdução	6
Enquadramento Concetual	8
(Re)ascensão da Extrema-Direita	8
Terminologia.....	11
Fatores de risco	13
Consciência Crítica	20
Objetivos.....	22
Metodologia e Dados	23
Instrumentos	24
Resultados	27
Discussão	45
Conclusão	52
Bibliografia	55
Anexos.....	61

Introdução

Neste trabalho aborda-se a importância da Consciência Crítica (CC) compreendida como uma compreensão profunda do mundo (da vida) que permitirá perceber e reconhecer diferentes contradições políticas e sociais do dia-a-dia ou das grandes decisões que cada indivíduo é convidado a assumir especialmente quando alcança a idade da maioridade legal. Este estudo terá como radical teórico as propostas de Chickering e Reisser (1993) quanto ao desenvolvimento humano, as perspectivas existencialistas (Frankl, Yalom, mas também Sartre ou Heidegger) em psicologia e a teoria crítica (da Escola de Frankfurt, autores como Horkheimer, Fromm e Habermas, mas também Spivak ou Hooks). Em 2004, Helen Haste apresentou um trabalho sobre a construção da ideia de cidadania ou do senso de cidadania e, nesse documento, podemos encontrar referências a Portugal (num grupo com o Chile, a Colômbia e a Roménia) como um país com fraco conhecimento cívico, mas com elevado nível de participação (Haste, 2004, p.430), estas considerações merecem a nossa atenção especialmente atendendo a que, um pouco adiante, compreendemos que votar estará associado a fatores escolares e conhecimento cívico, à ênfase na importância de eleições, à confiança de estudantes quanto à sua possibilidade de participação e ao clima de abertura em sala de aula. De igual modo, as intenções de participação pelo exercício do direito de voto estariam ligadas à presença do tema nas conversas de família e na confiança nas instituições governativas. Ainda a predisposição para alinhar ou vir a associar-se a uma organização político-partidária dever-se-ia no futuro ao interesse pelo tema enquanto jovens e, mesmo nesse caso, não mais de 20% dos jovens indicavam ter interesse em fazer tal escolha. Quanto à intenção de envolvimento em situações de voluntariado, seriam devidas a conhecimento de facto de problemas sociais ou comunitários percebidos como mobilizadores e neste ponto, independentemente de quaisquer posições partidárias. A probabilidade de vir a aderir a uma qualquer manifestação ou protesto não violento estaria relacionada a conversa ou anterior interesse manifestado na família e não na escola. A autora, após estes dados e considerações refere que a cidadania ativa não se prenderá apenas no exercício de voto, como cada vez mais vem sendo evidente.

O surgimento de uma pandemia (do vírus SARS-CoV-2), de protestos a nível global dos BLM (*Black Lives Matter*) e de grupos anti confinamento foram encarados pela extrema-direita como oportunidades. Ainda que na sua maioria não tenham conseguido explorar estes fenómenos como gostariam, sucedeu-se uma nova vaga de

teorias da conspiração que tentam explicar de forma simples e monocausal um mundo que consideram como visivelmente caótico (Bouron et al., 2021).

Tem se vindo a verificar um renascimento dos grupos, redes e incidentes de extrema-direita na Europa e nos EUA, com o respetivo aumento da violência e preconceito anti-imigração e anti minorias (Koehler, 2016). Os grupos de extrema-direita são responsáveis, desde 2007, por cerca de 30% de todas as fatalidades resultadas de ataques terroristas no Ocidente (Institute for Economics and Peace, 2022 consultado em <https://www.economicsandpeace.org/> em 2 de julho de 2022). Estas rápidas transformações que têm ocorrido mundialmente a nível social e político vêm reafirmar a importância de aumentar o nosso conhecimento relativamente a este tema.

A capacidade de um indivíduo reconhecer um sistema opressor, de sentir algum tipo de eficácia contra este, e se envolver para corrigir as desigualdades, formam o conceito de consciência crítica (CC) (Heberle, Rapa & Farago, 2020). A CC é caracterizada por uma capacidade de reflexão e análise crítica dos sistemas de opressão, assim como das condições sociais, económicas e políticas que caracterizam esse sistema e limitam o acesso à oportunidade e perpetuam as injustiças (Giroux, 1983; Watts & Flanagan, 2007, citados em Diemer & Li, 2011). Nesse sentido, o trabalho de Haste (2004) refere precisamente a necessidade de considerarmos a educação para a cidadania mantendo uma perspetiva psicológica crítica sobre aspetos como a identidade, tomada de posição/decisão, narrativas pessoais e (perceção pessoal de) eficácia. Devido à crescente disparidade social, económica e racial e ao aparente renascimento do autoritarismo em inúmeros países ocidentais, a presente dissertação tem como objetivo analisar e estudar uma possível relação entre os níveis de consciência crítica e os níveis de autoritarismo. Este estudo, à luz da psicologia do desenvolvimento, das teorias das transições e da compreensão da sua importância para a psicologia da educação, pareceu-nos ser relevante e, por isso, procurámos alcançar participantes maiores de idade num conjunto o mais heterogéneo possível.

Deste modo, a dissertação está assim estruturada: em primeiro lugar, será abordada a ascensão da extrema-direita no Ocidente, de que forma esta está a surgir e possíveis consequências. De seguida, analisar-se-á a terminologia. Posteriormente, serão abordados os fatores de risco (psicológicos, económicos e sociais) associados a este tema, para aprofundar o conceito de consciência crítica. Segue-se a metodologia usada, objetivos do estudo e respetivos resultados. Por fim, será feita a discussão dos resultados encontrados e de outras reflexões elaboradas ao longo do estudo. Termina-se com as reflexões finais.

Enquadramento Concetual

(Re)ascensão da Extrema-Direita

O ano de 2020 virá a ser lembrado como um ano caótico a nível global, marcado por uma pandemia que nos impossibilitou sair de casa e obrigou o uso de máscaras para qualquer atividade exterior, ceifando, ao mesmo tempo, milhares de vidas (Bouron et al., 2021). Os protestos generalizados à volta do mundo devido ao assassinato de George Floyd¹ também contribuíram para o estado aparentemente caótico desta época temporal. Os protestos dos Black Lives Matter (BLM) em dezenas de países nos 7 continentes (incluindo a Antártida) trouxeram novamente à luz o problema do racismo e das desigualdades que daí se advém. Também durante este ano, grupos anti-confinamento coordenaram grandes eventos em toda a Europa, enquanto se verificou, simultaneamente, a saída do Reino Unido da União Europeia. Embora o Brexit não tenha sido causado exclusivamente pela extrema-direita, o sentimento anti-imigração teve um papel significativo no processo, conforme indicado por Bouron et al. (2021).

A violência é, por vezes, vista por certos grupos e indivíduos como algo necessário e justificável para atingir um fim. Na Europa existe uma variedade de organizações, eventos e sujeitos que pertencem a uma parte mais extremista da direita que assim o percecionam (Bouron et al., 2021). Para estes grupos, a violência é encarada como autodefesa perante um invasor (segundo Allport, 1979) não basta colocar diferentes grupos na partilha de um lugar que deveria ser comum: se não houver um trabalho concreto de apresentação e promoção da comunicação entre os membros dos grupos, estes não se reunirão sem mais). Por vezes, a violência chega mesmo a ser glorificada e idealizada, principalmente em grupos extremistas de artes marciais ou mais potencialmente letais, grupos militarizados com acesso a armamento vário (como, por

¹ George Floyd foi um afro-americano assassinado a 25 de Maio de 2020 por Derek Chauvin - um agente da polícia de Minneapolis. George foi abordado por alegadamente ter usado uma nota falsa numa loja de conveniência. Os agentes da polícia algemaram-no e, ao tentarem coloca-lo na viatura a situação escalou terminando com Floyd de bruços no chão e o joelho de Derek fazendo pressão sob o seu pescoço. Mantiveram-no assim por mais de 8 minutos resultando na morte de Floyd por asfixiamento. Este acontecimento provocou uma onda de protestos a nível global exigindo uma reforma na polícia e a resolução das desigualdades raciais. Derek Chauvin foi considerado culpado de todas as acusações e condenado, a 25 de julho de 2021, a 22 anos e meio de prisão

exemplo, o *Regimento Azov* ou Batalhão de Azov²) em que o guerreiro masculino é altamente valorizado.

Devido às contenções que os indivíduos que apresentam este tipo de perspectivas mais radicais encaram por parte da opinião pública, a internet desempenha um papel central. Efetivamente, os grupos radicais de direita formam-se e operam muito frequentemente via online (Gattinara, Pirro, 2018). Qualquer indivíduo consegue obter acesso a este tipo de conteúdo e/ou comunicar com um extremista a partir da internet (Rieger, Frischlich & Bente, 2013). Os grupos extremistas utilizam esta via para comunicarem entre si, com os “inimigos” e com outros utilizadores da internet (ingroup; outgroup e potenciais ingroup/comunidade global, respetivamente) (Payne, citado em Rieger et al., 2013). A internet é, assim, o meio principal utilizado para difundir este tipo de conteúdo, desde a publicação de documentos com o objetivo de descrever os pormenores e motivos relativos a ataques, a *live streams* que promovem o ódio e encorajem os outros a realizar tais atos. Aplicações como o Telegram e o Instagram são das plataformas mais escolhidas por estes grupos extremistas, conceitos como “terrogram” surgiram fazendo referência à primeira e ao seu papel na difusão da cultura pro-terror. É comum encontrar em fóruns fascistas grupos que compartilham ideias idênticas. Apesar de nem todos os membros se envolverem em ações violentas, estes grupos tendem a normalizar e justificar o uso da violência como uma forma e um meio para atingirem os seus objetivos. Esta partilha de ideias e informação encoraja a conexão e interação entre os membros, contribuindo e incentivando a ação, permanência e coesão de grupo (Bouron et al., 2021). Retomando o trabalho de Allport (1979) e que importa lembrar que teve a sua primeira edição nos anos 50 do século passado, podemos atentar ao facto de a violência nas palavras, quando bem instrumentalizada, pode conduzir grupos ao evitamento, seguindo-se situações de discriminação ou legalização de formas de racismo, mais tarde à violência contra pessoas e bens, para vir a culminar em extermínio ou genocídio. Pelo menos daqueles grupos de indivíduos considerados “estranhos” ou “inimigos” de valores que, se explorados, talvez nem os próprios perpetradores da violência os saberiam identificar.

De acordo com o Índice Global de Terrorismo de 2020, publicado pelo Instituto de Economia e Paz, o terrorismo de extrema-direita tem apresentado um aumento significativo no Ocidente. Em 2010, apenas um ataque terrorista desse tipo foi registrado,

² Ver, por exemplo, conjunto de reportagens no jornal Público, como será o caso do aqui referido em 1 de setembro de 2014 (cf. <https://www.publico.pt/2014/09/01/mundo/noticia/azov-o-batalhao-neonazi-que-lidera-a-defesa-em-mariupol-1668327>)

comparativamente aos 49 ataques registrados em 2019, indicando assim uma tendência crescente e alarmante nos últimos cinco anos. Esse aumento tem gerado um intenso debate sobre a natureza e extensão desta ameaça, concentrando-se principalmente na preocupante constatação de que, o terrorismo de extrema-direita é, atualmente, mais prevalente no Ocidente do que o terrorismo jihadista. Num total de 108 mortes em 2019 (no Ocidente) fruto de ataques terroristas, 89 foram vítimas de extremistas de direita, de acordo com dados divulgados pelo Instituto de Economia e Paz (consultado em <https://visionofhumanity.org/> em 23 de Setembro de 2021).

O massacre em Christchurch que matou 51 pessoas em duas mesquitas na Nova Zelândia (março de 2019) inspirou uma série de ataques terrorista na Europa e nos EUA. O ano de 2020 iniciou-se tragicamente com um massacre em Hanau (Alemanha), vitimizando 10 vidas em dois shisha³ bares (frequentados principalmente por imigrantes). Foi o segundo ato terrorista de direita na Alemanha em menos de meio ano, precedido por um ataque de natureza antissemita a uma sinagoga e a uma loja de kebabs em Halle (Outubro de 2019), onde o sujeito documentou e fez *live stream* de todo o acontecimento por meio de uma câmara instalada no seu capacete (Bouron et al., 2021).

Procurando tentar compreender o que se passa e como se estão a construir identidades e cidadanias encontramos os trabalhos de Haste (2005) que desde os anos 70 do século anterior se dedica a questionar estes processos. Nos seus mais recentes textos lembra que determinadas experiências e práticas dão lugar a distintas formas de participação cívica. Que práticas e experiências serão essas e quais as suas consequências é algo que precisamos de continuar a estudar e esta investigação procurará discutir algumas hipóteses neste domínio.

³ Estabelecimentos onde se pode fumar em grupo uma mistura de tabaco. Geralmente, nos países ocidentais, estes estabelecimentos são controlados por indivíduos oriundos do mundo árabe e/ou asiático. Confira, por exemplo, o seguinte artigo publicado pelo Diário de Notícias sobre este caso: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/21-fev-2020/veneno-racista-espalha-se-na-alemanha-11844044.html>

Terminologia

O uso em contexto político da dicotomia “esquerda-direita” tem as suas origens na forma que era disposta a Assembleia Legislativa Francesa durante a Revolução de 1789. Os apoiantes do antigo regime sentavam-se no lado direito da câmara, enquanto que os que se opunham, sentavam-se à esquerda. Resultado disto, o rótulo de “direita” passou a representar perspetivas políticas mais conservadores e hierárquicas, enquanto que os de “esquerda” conota perspetivas mais progressistas e igualitárias (Jost, Nosek & Gosling, 2008).

Embora haja inúmeros conceitos para a extrema direita (direita radical, neonacionalismo, populismo de direita, nova direita), ainda não se chegou a nenhum consenso sobre a forma de categorizar estes grupos emergentes nos países Europeus (Krall, 2021). Devido à sua complexidade e evolução contínua, a definição da Extrema Direita é algo que se revela profundamente difícil de estabelecer (Dean, Bell & Vakhitova, 2016).

Segundo Krall (2021), a direita radical é caracterizada por opiniões e atividades políticas que têm como base valores e sentimentos antidemocráticos, autoritários, nacionalistas e antipluralistas. Estes indivíduos rejeitam a igualdade social e legal para toda a gente e seguem orientações de cariz totalitário como o neonazismo, racismo e antissemitismo. A transformação da nação numa comunidade autoritária e com uma identidade étnica exclusiva é vista, muitas vezes, como uma justificativa para o uso da violência (Krall, 2021).

Segundo Mudde (2019), a maior parte das definições associadas à extrema-direita não são criadas pelos próprios, mas sim por indivíduos externos, como académicos, antifascistas e jornalistas. O que não quer dizer que a extrema-direita não se importe com a nomenclatura que lhe é associada. Líderes de partidos proeminentes da direita radical, como a Frente Nacional de França e o Partido da Liberdade da Áustria, já acusaram académicos e jornalistas de difamação por os classificarem como “fascistas”. Por exemplo, Matteo Salvini, líder da Liga Norte (Lega Nord), que já ocupou os cargos de vice-primeiro-ministro e ministro do interior da Itália, afirmou que a “populista” era utilizada frequentemente como insulto, mas para ele, era um elogio. Por sua vez, Steve Bannon, antigo assistente, mentor e ideólogo do ex-presidente Donald Trump e estratega-chefe da Casa Branca declarou, durante um evento com ativistas da Frente Nacional: “Deixem-nos chamarem-vos de racistas. Deixem-nos chamarem-vos de xenófobos.

Deixem-nos chamarem-vos de nativistas. Usem-no como um emblema de honra” (Mudde, 2019).

Dean et al. (2016) afirmam que existem várias narrativas chave na extrema-direita (por exemplo, islamofobia, nacionalismo, militarismo, xenofobia, entre outros). O enquadramento ideológico dessas narrativas, de acordo com diversos investigadores (Guibernau, 2010; Harrison & Bruter, 2011; Ignazi, 1992; Mudde, 2002 citados em Dean et al., 2016), pode ser resumido em seis tópicos:

1. Sentimento anti-imigração: aversão direcionada a imigrantes, refugiados e todos aqueles que são vistos como uma ameaça aos valores ocidentais e à identidade nacional.
2. Anti-sistema (ou anti-establishment): desconfiança em relação aos partidos políticos estabelecidos.
3. Proteção dos valores ocidentais: preservação dos valores ocidentais, defendendo os cidadãos da nação da vulnerabilidade e marginalização, priorizando-os na segurança social e protegendo a língua e cultura em relação aos estrangeiros.
4. Compromisso com a reforma democrática: aceitação das regras da democracia liberal, mas favorecendo uma regeneração radical através da participação popular e representação da vontade do povo, como o uso de medidas diretas democráticas, como referendos e listas abertas nas eleições.
5. Valores tradicionais: a extrema-direita opõe-se ao multiculturalismo, pois acredita que isso promove a destruição das culturas individuais. Propõem um regresso aos valores tradicionais que consideram incorporados na liberdade individual e no direito à preservação cultural, a fim de manter a integridade da sua identidade como uma democracia liberal ocidental.
6. Estado forte: apresentam-se como os únicos capazes de garantir a ordem e restaurar um Estado forte capaz de preservar a identidade nacional e permitir um retorno aos valores tradicionais nos quais o país foi fundado.

Fatores de risco

O grupo neo-nazi Feuerkrieg Division (FKD) ganhou rapidamente notoriedade internacional através da partilha de conteúdo supremacista e do incentivo ao terrorismo via Telegram. Parte deste crescimento rápido deveu-se à eficácia do líder em partilhar e incentivar a cultura pro terror. Este indivíduo não se limitava a partilhar imagens do seu equipamento de combate e da sua extensa coleção de literatura extremista, também incitava os outros a realizarem ataques terroristas a prédios federais, num claro exemplo do seu compromisso com a violência extremista. Apesar dos seus seguidores estarem dispersos geograficamente e comunicarem-se apenas online, o grupo conseguiu ganhar força e atrair cada vez mais adeptos, graças ao conteúdo da sua propaganda racista e à sua posição violenta e agressiva (Bouron et al., 2021).

O que era desconhecido pelo público é que o grupo era liderado por um jovem estoniano que tinha apenas 13 anos. Esta dinâmica de partilha de informação possibilita, por parte de indivíduos ainda muito jovens, ascenderem facilmente no papel que desempenham dentro destas organizações, contanto que consigam produzir conteúdo suficientemente extremo. O grupo “Moonkrieg Division”, por exemplo, era gerido por um jovem sueco de 16 anos e o “The British Hand” foi fundado por um adolescente de 15 anos que confessou ter planos para atacar um centro de acolhimento de refugiados (Bouron et al., 2021). Estes jovens aparentam experienciar um “vazio” causado pela globalização em que os padrões políticos e ideológicos da direita radical criam uma aparente ilusão de preencher. A constante ameaça de perda de identidade e status social leva esses indivíduos a vivenciar uma aparente identidade social nova, para além de reconhecimento, poder, segurança e orientação. Portanto, é essencial considerar o contexto da globalização ao analisar o aumento do apoio dos jovens à extrema-direita (Krall, 2021). É impossível encontrar uma explicação simples e definitiva para esta tendência em alguns adolescentes. Tal como os *school shootings* nos EUA, ou o próprio terrorismo global, existe um conjunto de fatores individuais e sociais que contribuem para esta radicalização, e a influência de qualquer fator varia de caso para caso, dependendo do contexto e predisposição de cada um. Porém, existe um conjunto de características que aparecem repetidamente nos estudos feitos sobre este tópico. Uma das características que aparenta ter forte impacto é o *stress* económico. Alguns académicos colocam a hipótese de que os jovens ficam mais suscetíveis ao extremismo político quando experienciam dificuldades económicas ou “privação relativa” - isto é, insucesso em atingir os desejos e

objetivos antecipados (Miller-Idriss, 2019). Estes adolescentes que são propensos ao fracasso acadêmico e profissional podem reagir violentamente em termos ideológicos e sociais de modo a protegerem a sua auto-estima (Edelstein, 2003). As expectativas não atendidas e as comparações com o sucesso dos pares contribuem para o surgimento de ressentimento e raiva relativamente à “competição”, nomeadamente os imigrantes (Miller-Idriss, 2019).

A extrema-direita beneficia da existência de tensão económica, as crises financeiras são frequentemente acompanhadas por fragmentação política e um crescente ceticismo em relação às instituições (Miller-Idriss, 2019). A Longa Depressão (mundial, para alguns autores, considerada desde 1873 a 1879, mas para outros até 1896), a Grande Depressão (EUA, para diversos autores, desde 1929 até à Segunda Guerra Mundial) e a Crise Financeira de 2008, todas crises sistémicas do capitalismo, proporcionaram o clima perfeito para a ascensão da extrema direita e, conseqüentemente, da desvalorização dos direitos humanos (Soares et al., 2020).

De acordo com um estudo realizado por Falk e Zweimüller (2005) na Alemanha entre 1996 e 1999, observou-se uma relação significativa entre a taxa de desemprego e a ocorrência de crimes de extrema-direita. Essa descoberta sugere uma possível correlação entre o desemprego e o apoio aos partidos políticos de direita com orientações autoritárias. Essa hipótese foi confirmada nas eleições parlamentares alemãs de 1998.

Porém, a insegurança financeira não é, segundo alguns investigadores, o preditor mais forte para os valores políticos autoritários. Para estes académicos, o panorama cultural pode desempenhar um papel mais significativo no que concerne a este assunto. Certos indivíduos podem demonstrar-se ameaçados perante determinados assuntos culturais e sociais – como por exemplo, o casamento homossexual, a identidade transgénera, ou cidadãos nacionais europeus de ancestralidade africana, ou o crescente número de residentes muçulmanos (a reação de alguns sujeitos franceses ao crescente número de mesquitas em território nacional é um bom exemplo disto) – todos estes fenômenos podem ser encarados como ameaças à identidade nacional. Assim, a sensibilidade dos indivíduos no que respeita a estas transformações nas normas sociais e culturais é um fator importante. (Miller-Idriss, 2019). Autores como Canetti e Pedahzur (2002, citado em Caiani, 2017) evidenciaram que o sentimento político extremista de direita não está relacionado com variáveis socioeconómicas. Um indivíduo em uma situação económica estável apresenta maior predisposição para desenvolver afinidade a um grupo político de extrema-direita do que alguém que experiencia

insegurança/privação profissional (De Weerd et al., 2004, citado em Caiani, 2017). Ivarsflaten (2005), ao explicar o sucesso da extrema-direita na Dinamarca e em França, salientou que não são os fatores económicos que desempenham o papel mais relevante, mas sim as ameaças culturais à identidade. Efetivamente, segundo Mudde (2007, citado em Caiani, 2017), os partidos populistas radicais de direita são apoiados por sujeitos que procuram segurança em relação ao que possuem face às ameaças percebidas da globalização: como a imigração em massa e a sociedade pós-industrial. Lucassen & Lubbers (2012) afirmam que quanto mais elevado for o Produto Interno Bruto (PIB) de um país, maior é a probabilidade da direita radical obter sucesso eleitoral. Por outro lado, um PIB menor resulta em uma perceção maior da “ameaça”, mas em níveis menores de votação. Lubbers (2001) verificou que os cidadãos de países mais prósperos são mais suscetíveis em votar na nova direita devido ao receio de perderem aquilo que conquistaram. É possível que nos países mais pobres os indivíduos percecionem os imigrantes como ameaças, mas que a segurança no emprego seja uma realidade social mais proeminente (e.g. Arzheimir & Carter, citados por Lucassen & Lubbers, 2012). Kalndermans e Mayer (2006, citado em Caiani, 2017) concluíram, através de um estudo que realizaram com uma amostra de 157 participantes com recurso a entrevistas, que as origens deste tipo de ativismo encontram-se, principalmente, no passado. A infância é um dos momentos mais importantes no desenvolvimento do indivíduo, podendo influenciar toda a sua maneira de ser para o resto da vida. O tipo de estilo parental a que a criança se sujeita e os valores que predominam ao longo da sua infância (como por exemplo, valores tradicionais, autoritários, nacionalistas) tem uma grande capacidade de influenciar e determinar os futuros princípios ideológicos e políticos do indivíduo. Por outro lado, os sentimentos de estigmatização que vão surgindo ainda na juventude em conjunto com a inclusão e lealdade que é sentida em grupo podem fomentar este radicalismo no sujeito. De acordo com Ignazi (1992, citado em Caiani, 2017) as exposições a estes valores mais conservadores na infância acabam por produzir uma clara discrepância na maneira de pensar do indivíduo com os valores pós-industriais da sociedade (como o multiculturalismo, a permissividade, etc.), podendo levar ao extremismo. Ainda sobre o desenvolvimento na infância, Adorno et al. (1950, citado em Barros et al., 2009) argumentam, a partir de uma perspetiva psicanalítica, que o indivíduo que cresce em ambientes rígidos e severos vai, numa fase posterior, dirigir os impulsos agressivos acumulados para os outros que, por muitas vezes, são pessoas percebidas como inferiores – grupos minoritários. Estas características, portanto, não são inatas ao sujeito, mas sim adquiridas através do processo de socialização (psicossociais). Segundo a teoria

Freudiana (Altemeyer, 1983), o indivíduo de personalidade autoritária viu os seus comportamentos de rebelião e independência serem severamente castigados enquanto criança, fruto de uma estrutura parental rígida e fria, reprimindo esses impulsos. Isso resultaria na formação de uma personalidade obediente, leal e aparentemente adoradora dos pais (segundo Freud, o indivíduo, na verdade, odeia-os, projetando toda a hostilidade acumulada para outros alvos). Estes alvos são, porém, interpermutáveis: o sujeito preconceituoso apresenta uma predisposição de discriminar vários grupos alvos. Ou seja, um sujeito que apresenta, por exemplo, crenças anti-semíticas, é também predisposto a discriminar outros grupos étnicos. Dito isto, “as características do objeto do preconceito importam menos do que as características do sujeito preconceituoso” (Carone, 2012).

Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade (Big Five) é, de momento, um dos principais modelos aceites para medir a personalidade. O modelo é composto por, tal como o nome indica, cinco fatores: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade. Akrami & Ekehammar (2006) realizaram um estudo em que recorreram a um teste que mede os Big Five (NEO-PI-R) para examinar a relação de todas as facetas deste modelo (cada fator tem 6 facetas) com o RWA e o SDO⁴. Os resultados apresentaram algumas similaridades e diferenças entre a RWA e o SDO na relação com as várias facetas. Ambas as variáveis demonstraram uma correlação significativa com todas as facetas da Abertura à Experiência. A principal faceta para prever a RWA, mas não para prever a SDO, foi a Abertura a Valores. A SDO apresentou relações significativas com todas as facetas do fator Amabilidade (enquanto que a RWA apenas para duas). A faceta que se destacou na significância da sua relação (negativa) com a SDO foi a sensibilidade/empatia, indivíduos com altos scores de SDO têm tendência para apresentar baixos níveis de empatia. Para além disso, a faceta Calorosidade (do fator Extroversão) apresentou uma relação negativa significativa com a SDO, mas não com a RWA, enquanto que a faceta Assertividade (do mesmo fator – faceta associada a liderança e dominância social) não demonstrou qualquer tipo de relação com a SDO (o que é, de certo modo, surpreendente, visto ser de esperar esta faceta de indivíduos com níveis elevados de SDO) (Akrami & Ekehammar, 2006).

Adorno et al. (citados em Carone, 2012) desenvolveram, em 1950, a escala F (F de fascismo) de modo a compreender e medir os traços da personalidade autoritária. Esta

⁴ Social Dominance Orientation - variável central na Social Dominance Theory (SDT). A SDO explica-se como sendo uma atitude individual relativamente a relações inter-grupos, onde o indivíduo pode se posicionar como defensor de relações igualitárias ou hierárquicas (Pratto et al., 1994; citado em Akrami & Ekehammar, 2006)

escala media 9 disposições inconscientes e latentes na personalidade do indivíduo: a submissão autoritária, a agressividade autoritária, o convencionalismo, a projectividade, a anti-intracção (nível em que o sujeito entra em contato com o seu mundo psicológico: rejeição (ou não) de toda interioridade e do subjetivo, (des)valorização do emocional), a preocupação com o comportamento sexual das pessoas, a valorização do poder e da dureza, a superstição e a estereotipia, a destrutividade (ou visão catastrófica do mundo) e o cinismo. Estes traços constituem a estrutura psicológica do indivíduo fascista. Porém, a dinâmica desta estrutura varia de pessoa para pessoa, formando um padrão complexo e único. Isto quer dizer que, embora os sujeitos fascistas compartilhem a mesma base psicológica, a configuração desta base é individualmente distinta, ressaltando assim a necessidade de avaliar cada caso como um caso, de modo a compreender como cada situação psicodinâmica está configurada.

Um estudo realizado por Roccato e Russo, em 2017, explorou a relação entre o autoritarismo de direita, a percepção de ameaça social e a angústia psicológica. A amostra, que era composta por estudantes universitários italianos, preencheu uma série de questionários que avaliavam as ditas variáveis. Os resultados indicaram que, efetivamente, o autoritarismo de direita está positivamente relacionado com a percepção da ameaça social e a angústia psicológica. Foi verificado que os indivíduos altamente autoritários são mais suscetíveis às ameaças do que indivíduos pouco autoritários. Duckitt (2006) também demonstrou que a RWA e a SDO são preditores significativos de atitudes negativas perante *outsiders* mas que, os motivos que mediam esse preconceito são diferentes. Enquanto que a relação entre RWA e preconceito relativo a grupos externos foi mediada pela percepção de ameaça relativa a esses grupos, a relação entre SDO e preconceito a grupos externos foi mediada pelo meio da percepção de competição e ameaça em relação ao status e à dominação.

Com o objetivo de estudar a relação entre ideologia, atividades e preferências pessoais, Jost et al. (2008) utilizaram duas amostras de estudantes universitários (n= 609 e 762). Os resultados demonstraram que as atitudes liberais estão mais associadas a apreciação por romances e experiências diferentes (por exemplo, comida estrangeira e viajar) e também a expressão artística (e.g. poesia e jazz). Estes indivíduos também se posicionaram mais favoravelmente em relação a pessoas em situação de sem-abrigo, atitudes contraculturais (como tatuagens) e à busca de prazer (e.g. erotismo e drogas recreativas). As preferências dos indivíduos que se posicionaram no lado do espectro mais conservador foram, de certa forma, mais convencionais. Estes participantes optaram por atividades mais *mainstream* (como desportos, pesca, ler o jornal e ver televisão) e

obtiveram níveis de maior aprovação por parte dos pais. Os sujeitos deste lado do espectro também estão mais associados a tradições e compromissos religiosos, como, por exemplo, rezar. Certos investigadores como Canetti & Pedahzur (2002) acreditam que as crenças relativas ao religioso e ao sobrenatural desempenham um papel importante nas atitudes sociopolíticas. Um estudo realizado por Wylie & Forest (1992) sustenta esta hipótese: os resultados na escala de autoritarismo (RWA de Altemeyer) demonstraram uma forte correlação com os resultados na escala de fundamentalismo religioso (RFS de Altemeyer & Hunsberger). Porém, foi usado um terceiro questionário para correlacionar o preconceito (Manitoba Prejudice Scale) com estes dois fatores e o autoritarismo provou ser uma variável mais forte na previsão da discriminação comparativamente à variável da religiosidade. Um outro estudo realizado por Laythe, Finkel & Kirkpatrick (2001) também examinou esta relação do autoritarismo e do fundamentalismo religioso com o preconceito. Os resultados foram consistentes com o do estudo anterior: o autoritarismo provou ser um preditor mais forte e significativo relativamente ao preconceito, enquanto que o fundamentalismo religioso demonstrou ser um preditor negativo do preconceito racial, mas positivo relativamente ao sexismo.

Relativamente à relação entre género e radicalismo de direita, existe um consenso entre os académicos: a questão de género exerce um efeito protetor para mulheres, enquanto que para os homens, apresenta-se como um fator de vulnerabilidade (Miller-Idriss & Pilkington, 2017). De acordo com Miller-Idriss & Pilkington (2017), autores como Kitschelt (2007) defendem que os partidos de extrema-direita são mais atraentes para os homens do que para as mulheres. No entanto, outros académicos como Mudde (2014), argumentam que o número de mulheres que se identificam com a extrema-direita é significativamente subestimado. É importante ressaltar que, segundo Miller-Idriss & Pilkington (2017), temos testemunhado uma crescente visibilidade das mulheres nestes movimentos, inclusive em posições de liderança.

Segundo Blee (2021), é fundamental compreender se as mulheres estão realmente a entrar nestes movimentos políticos extremistas de modo a avaliar a ameaça de que tais esforços políticos representam. Porém, é difícil avaliar a tendência do sexo feminino relativamente a valores políticos autoritários de direita devido a 3 fatores (Blee, 2021). Um destes fatores é o facto de a filiação no caso dos homens tender a ser mais aberta, pública e documentada comparativamente à filiação das mulheres, que procuram disfarçar o seu envolvimento de modo a evitar consequências negativas para si e para os seus filhos (Blee, 2021). Contudo, o facto de este tipo de ideologias se estar a tornar, cada vez mais, “mainstream”, a estigmatização associada tem vindo a diminuir, facilitando a

participação das mulheres neste tipo de atividades (Miller-Idriss & Pilkington, 2017). Outro fator que complica a avaliação da presença feminina é a facilidade que estes grupos têm em surgirem e/ou esconderem-se quando assim o é benéfico para eles. A visibilidade política flutuante que é característica deste tipo de grupos dificulta a avaliação da presença das mulheres na direita radical (Blee, 2021). E por último, a avaliação da participação feminina em tais movimentos é um processo dificultado pela complexidade inerente à definição de Extrema Direita. Até muito recentemente, o conteúdo e natureza da extrema direita era associada, geralmente, a ideologias supremacistas, xenofóbicas, anti-semitas, etc – ou seja, organizadas maioritariamente em torno de questões raciais e étnicas. Questões de gênero desempenhavam muita pouca relevância (podiam ser um possível componente, mas longe de ser uma parte essencial). Porém, a existência de grupos e redes que se focam em assuntos como a misoginia, homofobia e transfobia é cada vez maior. Este tipo de grupos/partidos/movimentos esforçam-se politicamente contra, por exemplo, o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, estudos de gênero. O reconhecimento desta faceta da extrema-direita relativamente à sexualidade e ao gênero dificulta ainda mais a forma como podemos avaliar a presença das mulheres em tais movimentos. (Blee, 2021).

Consciência Crítica

Consciência crítica (CC) é a habilidade que envolve a análise e crítica das desigualdades estruturais, bem como a percepção de motivação e capacidade para promover mudanças e agir de forma socialmente responsável a fim de corrigir tais desigualdades (Diemer et al., 2020). Ao praticarem a consciência crítica, os indivíduos abrem espaço para refletir sobre temas que envolvem a dignidade humana, a liberdade, a autoridade, a responsabilidade social e o propósito pessoal (Critical Consciousness – Excellence in school counseling, 2016).

A persistência da desigualdade está intimamente ligada à falta de compreensão, por parte das pessoas afetadas por ela, das suas próprias condições sociais (El-Amin et al., 2017). O educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire, desenvolveu o conceito de consciência crítica com o objetivo de oferecer uma ferramenta de libertação pessoal, capacitando aqueles com quem trabalhava a interpretar o mundo à sua volta e agir em prol da justiça social (Watts, Diemer, Voight, 2011). De acordo com Freire (1973), aqueles que não possuem esta habilidade de analisar criticamente as questões contemporâneas e, conseqüentemente, de intervir ativamente na sua realidade, são arrastados pelas correntes das mudanças. A perpetuação da desigualdade ocorre, segundo Jemal (2017), se as pessoas não estiverem conscientes da desigualdade e não resistirem constantemente às normas e modos de opressão impostos pelos opressores. Poderíamos comparar a iniquidade a uma doença ou um veneno, e a consciência crítica seria, neste caso, o antídoto necessário para combater a injustiça e a prescrição imprescindível para interromper o ciclo vicioso. Os recentes fenômenos políticos/sociais globais intensificam ainda mais a relevância deste conceito – a onda de protestos a nível mundial, as desigualdades econômicas multigeracionais e os efeitos desproporcionais do COVID-19. Assim, a CC tem como objetivo ajudar a perceber de que modo, diferentes pessoas em diferentes fases da vida, percebem e interagem com estas desigualdades (Diemer, 2020)

Heberle, Rapa e Farago (2020) indicam que, sustentando-se no trabalho de Freire, Watts, Diemer e Voight (2011) conceptualizaram a CC como consistindo em três componentes: (1) reflexão crítica, que consiste na análise crítica da desigualdade; (2) eficácia política, também conhecida como motivação crítica, que diz respeito à percepção de ser capaz de influenciar mudanças; e (3) ação crítica, que consiste na participação em atividades destinadas a promover mudanças. Diferentes níveis de motivação crítica remetem a diferentes níveis de motivação e de capacidade percebida do indivíduo para se

envolver no ativismo social (Seider & Grave, 2020, citado em Diemer et al., 2020). A capacidade de ação crítica reflete-se na frequência da participação em ativismo social (McWhirter & McWhirter, 2016, citado em Diemer et al., 2020). Segundo Seider & Graves (2020, citado em Diemer et al., 2020), estes componentes correlacionam-se e desenvolvem-se reciprocamente.

Segundo Diemer (2020), as pessoas geralmente interpretam a CC como sendo apenas reflexão crítica. De facto, a reflexão desempenha um papel fundamental na ação transformativa: “Esta pedagogia faz a opressão e as suas causas serem objetos de reflexão pelos oprimidos, e dessa reflexão virá o compromisso necessário na luta pela libertação” (Freire, 2000, citado em Diemer, 2020). Ou seja, o pensamento é um precursor necessário para que os indivíduos procedam para as ações individuais/coletivas (Diemer, 2020). Porém, tem sido colocado uma grande ênfase na reflexão em detrimento da ação (Watts & Hipolito-Delgado, 2015, citado em Diemer, 2020). Por isso, Diemer (2020) apela aos autores do campo da CC para não perderem de vista a ação crítica.

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo explorar em que medida diferentes níveis de consciência crítica estão correlacionados com diferentes propensões para valores ideológico-políticos autoritários de direita. Face às recentes e rápidas transformações que têm ocorrido no panorama político e social global, torna-se fundamental perceber os fatores psicológicos, sociais e demográficos em jogo. Assim, torna-se imprescindível analisar as relações existentes entre esses fatores e as variáveis exploradas (consciência crítica e valores autoritários). Em seguimento disto, com o presente estudo, pretende-se responder aos seguintes tópicos:

- i. Análise da relação entre a idade da amostra e os valores autoritários;
- ii. Análise da relação entre o rendimento da amostra e os valores autoritários;
- iii. Análise da relação entre o grau de formação e a consciência crítica;
- iv. Verificar se existe realmente correlação entre consciência crítica e valores políticos autoritários (de direita).

Para atingir estes objetivos, foi realizada uma análise cuidadosa da literatura existente a fim de identificar as principais teorias e hipóteses associadas ao tema. Em seguida, foram recolhidos e analisados os dados (numa primeira fase por recurso a um protocolo apresentado online) para avaliar a relevância das nossas questões de investigação, investigar pontos relevantes para o conhecimento em psicologia e a ação psicológica de promoção do desenvolvimento integral do ser humano e discutir as suas implicações teóricas e para a intervenção junto de pessoas e grupos.

Com vista a escrutinar algumas possibilidades de questão decorrentes da análise destes primeiros dados, foi realizado um conjunto de entrevistas (10) a pessoas que tinham participado no estudo na primeira etapa e se disponibilizavam a participar numa componente qualitativa do estudo. Assim, consideramos ainda dois outros objetivos:

- i. Ajustar a compreensão dos termos postos em jogo na fase de recolha quantitativa de dados;
- ii. Compreender as leituras político-partidárias dos participantes à luz dos valores que defendem.

Metodologia e Dados

Primeira fase – Recolha para análise quantitativa de dados

A presente investigação recorreu numa primeira fase ao uso de uma abordagem quantitativa, os dados foram recolhidos via online através de um questionário (Anexo I) realizado no Google Forms. Inicialmente foi obtido o consentimento informado onde era especificado o objetivo e público alvo do estudo, assim como também a garantia de anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. O questionário era composto e ordenado da seguinte forma: dados sociodemográficos; *Short Critical Consciousness Scale* – ShoCCS (Diemer, Frisby, Pined, Bardelli, Elliot, Harris, McAlister, Voight, 2020), versão traduzida e ainda por publicar de Almeida e Ferreira (2020); *Right Wing Authoritarianism Scale* – RWA (Altemeyer, 1981); *Escala de Desejabilidade Social* – EDS-20 (Simões, Almiro, Sousa, 2014).

Um número total de 162 indivíduos (99,4%) aceitou participar neste estudo de investigação, havendo apenas uma recusa em participar (0,6%). Os dados foram obtidos ao longo de um período de 4 meses (entre janeiro a abril de 2022). Relativamente à caracterização da amostra (cf. Anexo II, tabela 1), esta era composta por 98 participantes do sexo feminino (60,5%) e 64 do sexo masculino (39,5%). A amostra, apresentada por ordem decrescente dos intervalos etários, foi constituída por 74 indivíduos (46%) com idade compreendida entre 21 e 31 anos, 35 indivíduos (21,7%) com idade compreendida entre 31 e 45 anos, 33 indivíduos (20,5%) com idade de 46 e mais anos e ainda 19 indivíduos (11,8%) com idade compreendida entre 18 e 20 anos (cf. Anexo II, tabela 2). Relativamente à etnia verificamos que a maioria é de etnia: branco (96,3%). No que diz respeito à orientação sexual a amostra é maioritariamente constituída por heterossexuais (89,4%). Pode considerar-se quanto ao grau de formação que os participantes estão mais representados com o 12º ano (36,5%), licenciatura (30,2%) e mestrado (19,5%). Sendo que amostra é composta por 63,5% de indivíduos que neste momento não são estudantes no ensino superior, enquanto 36,4% são atualmente estudantes do ensino superior. Por fim, quanto ao rendimento mensal líquido dos participantes deste estudo que não dependem de seu agregado familiar, a predominância de rendimento mensal situa-se no escalão 601€ a 900€ (37,5%) e ainda no escalão 901€ a 1200€ (18,1%).

A idade média na amostra é de 33,5 anos (DP = 14,57), com um desvio-padrão de 14,57, ou seja, em média a idade afasta-se 14,57 anos, estando compreendida entre 18,93 anos e 48,07 anos (cf. Anexo II, tabela 3).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Foi criado um questionário sociodemográfico com o intuito de recolher dados genéricos e relevantes para a pesquisa, tais como: género, idade, etnia, orientação sexual, nacionalidade, nível de escolaridade, curso e rendimento mensal do indivíduo e/ou agregado familiar.

Short Critical Consciousness Scale (ShoCCS; Diemer et al., 2020); ShoCCS, adaptação portuguesa (não publicada) de Almeida & Ferreira (2020)

Instrumento desenvolvido por Diemer, Frisby, Pinedo, Bardelli, Elliot, Harris, McAlister e Voight em 2020. Esta escala corresponde a uma versão menor da Escala de Consciência Crítica de Diemer et al. (2017). Consiste num instrumento composto por 13 itens que avalia a aptidão analítica e capacidade de ação dos indivíduos relativamente a questões sociopolíticas, abrangendo tópicos como o racismo, desigualdade económica, atividades sociais/políticas, entre outros. A escala é dividida em duas partes: a primeira é destinada a medir a reflexão e motivação crítica, sendo composta por 8 itens; a segunda tem como finalidade medir a ação crítica e é constituída por 5. Em ambas, os itens são caracterizados por uma estrutura tipo Likert que varia, na primeira parte, de 1 (discordo fortemente) a 6 (concordo fortemente); e na segunda, de 1 (nunca fiz isso) a 5 (pelo menos uma vez na semana). No âmbito deste estudo, empregamos uma versão da escala ShoCCS traduzida por Almeida e Ferreira (2020), uma versão que ainda não foi publicada oficialmente. Gostaríamos de expressar o nosso sincero agradecimento ao Professor Joaquim Armando por fornecer o material traduzido, obtido com o consentimento do autor original, Diemer. Esta colaboração foi fundamental para a realização deste estudo e enriqueceu significativamente a pesquisa.

Right-Wing Authoritarianism Scale (RWA; Altemeyer, 1981)

A RWA mede o grau em que os indivíduos se submetem à autoridade estabelecida (submissão autoritária), demonstram agressividade relativamente a “*outsiders*” (agressão autoritária) e apoiam os valores tradicionais/conservadores estabelecidos pelas autoridades (convencionalismo) (Sanders & Ngo, 2017). Os níveis de autoritarismo de direita são definidos pela covariação destes três clusters altitudinais (Altemeyer, 1983).

O questionário é constituído por 22 itens em escala de Likert que variam de 1 (discordo fortemente) a 9 (concordo fortemente). Embora o instrumento tenha sido

desenvolvido em 1981, continua a ser a escala mais amplamente utilizada para medir o autoritarismo (Grigoryev et al., 2022).

Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20; Simões, Almiro, Sousa, 2014)

A EDS-20 procura, tal como o nome indica, avaliar a desejabilidade social da amostra, ou seja, medir até que ponto os indivíduos estão a responder conforme o que acham ser respostas socialmente aceitáveis/desejáveis. A escala é caracterizada por ter 20 itens de resposta dicotómica (“sim” / “não”).

Segunda fase – Recolha para análise qualitativa de dados

Nesta segunda fase do estudo procurámos compreender a que se deveriam os resultados algo inesperados atendendo ao que tínhamos como hipótese: haver uma forte correlação entre os conceitos que procurávamos jogar.

Para o efeito construámos um guião breve para entrevista semi-estruturada a realizar com sujeitos que tivessem respondido favoravelmente a esse contacto após o preenchimento do protocolo da fase inicial.

Participaram 10 indivíduos, do grupo de 95 que tinham deixado o seu endereço de e-mail para o efeito. Foram selecionados a partir da análise detalhada das respostas dadas no protocolo inicial e tomámos como diferenciadoras duas áreas específicas das respostas no ShoCCS (Diemer, et al., 2020). Contámos com a presença de três (3) indivíduos do sexo masculino e sete (7) do sexo feminino, com idades entre os 18 e os 59 anos, formação académica desde o 12º ano de escolaridade ao grau de mestre e com estudos em diferentes áreas do saber. Importa referir que este grupo de participantes ficou muito aquém do que gostaríamos de ter conseguido contactar, mas verificámos que diversos sujeitos que respondiam numa direção que nos interessaria auscultar em profundidade (por exemplo com sentido das suas respostas para um pendor autoritário mais evidente: afirmando concordar com a obediência das mulheres aos maridos, ou tendendo a crer que não há diferença de oportunidades entre indivíduos de poder económico distinto ou etnia minoritária) não deixaram endereço de e-mail para o efeito.

O guião da entrevista (Anexo III) reunia em 16 questões abertas os conceitos ou construtos que agrupámos a partir do material anterior. A 17ª questão inquiria diretamente cada participante quanto à sua adesão partidária pela esquerda ou direita do espectro político.

A recolha das respostas foi gravada e transcrita. A duração média destas conversas foi de 50 minutos.

O tratamento de dados procurava assentar na análise de conteúdo dos discursos (cf. Bardin, 2011, Glaser & Strauss, 1967), mas dada a dimensão do grupo de participantes, optámos por tentar uma análise temática neste que é um estudo exploratório sobre a expressão política e a consciência crítica do grupo considerado. De todo o modo procedemos à organização, codificação, categorização e tentamos algumas inferências a partir das palavras do grupo.

Para o efeito de compreensão destes dados, procedeu-se então à codificação aberta inicial, em cada momento mantivemos atenção à necessidade de constante comparação: enquanto codificávamos os dados estávamos também a analisar esses mesmos dados, isto é, refinamos conceitos, exploramos relações entre temas e identificamos as propriedades das breves narrativas especificamente elaboradas por cada participante.

Resultados

Fase do estudo quantitativo

Em média a amostra é da opinião que a oportunidade de conseguir um bom emprego é menor para os grupos étnicos ou raciais/racializados (P14. Média = 4,85, aproximadamente 5 – Concordo frequentemente; DP = 1,26). Observou-se que a amostra é da opinião que a oportunidade de seguir em frente é menor para os grupos étnicos ou raciais/racializados (P15. Média = 4,56, aproximadamente 5 – Concordo frequentemente; DP = 1,36). Na questão seguinte, a amostra é da opinião que a oportunidade de seguir em frente é menor para mulheres (P16. Média = 4 – Concordo ligeiramente; DP = 1,36). A amostra é também da opinião que a oportunidade de seguir em frente é menor para as pessoas pobres (P17. Média = 4,59, aproximadamente 5 – Concordo frequentemente; DP = 1,46) (cf. Anexo II, tabela 4).

Relativamente à importância de os jovens estarem informados sobre o que se passa no mundo, a amostra revelou que concorda fortemente (P18. Média = 5,81, aproximadamente 6 – Concordo fortemente; DP = 0,51). Sobre a importância de corrigir as desigualdades económicas e sociais, a opinião da amostra mostra que concorda fortemente (P19. Média = 5,8, aproximadamente 6 – Concordo fortemente; DP = 0,51). Na próxima questão, a amostra é da opinião convicta que é sua responsabilidade empenhar-se para dar o contributo para uma sociedade melhor (P20. Média = 5,73 – aproximadamente 6 – Concordo fortemente; DP = 0,55). Por fim, a amostra é da opinião que as pessoas devem participar em atividades políticas e na tomada de decisão do seu país (P21. Média = 5,17 – Concordo frequentemente; DP = 0,93) (cf. Anexo II, tabela 5).

A tabela 6 (cf. Anexo II) revela os resultados médios da Escala ShoCCS segundo a frequência com que esteve envolvido no último ano, destacando-se o seguinte: em média a amostra participou uma ou duas vezes no último ano em grupos ou organizações de defesa dos direitos humano (P22. Média = 1,58, aproximadamente 2 – Uma ou duas vezes no último ano; DP = 1,02). Verificou-se que a amostra participou num grupo, organização ou movimento político (P23. Média = 1,53, aproximadamente 2 – Uma ou duas vezes no último ano; DP = 0,99). Na questão seguinte, a amostra revelou que contactou uma ou duas vezes no último ano um político para se informar acerca de uma questão social ou política (P24. Média = 1,48 – Uma ou duas vezes no último ano, aproximadamente 1,5 a tender 2 – Uma ou duas vezes no último ano; DP = 0,77). Sobre a frequência de juntar-se a uma marcha de protesto, manifestação política ou encontro político, os participantes terão feito isso uma ou duas vezes no ano anterior (P25. Média

= 1,56, aproximadamente 2 – Uma ou duas vezes no último ano; DP = 0,83). Por fim, a amostra indica que participou uma ou duas vezes no último ano em grupos ou organizações de direitos humanos (P26. Média = 1,6, aproximadamente 2 – Uma ou duas vezes no último ano; DP = 1,03).

A tabela 7 (cf. Anexo II) revela os resultados médios da Escala RWA segundo a discordância ou concordância das afirmações, destacando-se o seguinte: a amostra discorda ligeiramente que o seu país precisa de um líder que termine com formas radicais (P29. Média = 3,73, aproximadamente 4 – Discordo ligeiramente; DP = 2,65). Relativamente a ser melhor confiar nas autoridades competentes em vez de confiar nos agitadores, a amostra revelou que discorda ligeiramente (P31. Média = 3,83, aproximadamente 4 – Concordo fortemente; DP = 2,44). Na próxima questão, a amostra discorda majoritariamente que a única maneira do país ultrapassar a crise será voltando aos valores tradicionais e silenciar os agitadores (P33. Média = 1,95 – aproximadamente 2 – Discordo majoritariamente; DP = 1,81). Na questão a seguir, a amostra discorda ligeiramente que o país vai se arruinar se as perversões não acabarem (P36. Média = 3,65 – aproximadamente 4 – Discordo ligeiramente; DP = 2,64). Na questão sobre as maneiras e os valores antigos serem a melhor opção de vida, a amostra revelou que discorda moderadamente (P38. Média = 2,6 – aproximadamente 3 – Discordo moderadamente; DP = 1,95). Observou-se que a amostra discorda ligeiramente que o seu país precisa de um líder forte que termine com o mal e nos coloque no rumo certo (P40. Média = 4,32 – Discordo ligeiramente; DP = 2,9). Na próxima questão, a amostra discorda majoritariamente que quem não segue as leis de Deus sobre o aborto, pornografia e casamento, deva ser castigado (P42. Média = 1,64 – aproximadamente 2 – Discordo majoritariamente; DP = 1,41). Sobre a questão de existirem no seu país muitos radicais e imorais que estão a arruiná-lo, a amostra discorda ligeiramente (P43. Média = 4,25 – Discordo ligeiramente; DP = 2,85). Relativamente ao país ser melhor se honrarmos as maneiras dos nossos antepassados, a amostra revelou que discorda moderadamente (P45. Média = 2,59, a tender para 3 – Discordo moderadamente; DP = 2,25). Por fim, a amostra revelou que discorda moderadamente sobre o seu país estar melhor se os grupos agitadores se calassem (P48. Média = 2,6 – aproximadamente 3 – Discordo moderadamente; DP = 2,01).

A tabela 8 (cf. Anexo II) revela os resultados médios da Escala RWA segundo a concordância ou discordância das afirmações, destacando-se o seguinte: a amostra é da opinião que os homossexuais são igualmente saudáveis como qualquer outra pessoa (P30. Média = 1,50, a tender para 2 – Concordo majoritariamente; DP = 1,46). Sobre os ateus

serem tão virtuosos como os que vão à igreja, a opinião da amostra é de que concorda maioritariamente (P32. Média = 1,73 a tender para 2 – Concordo maioritariamente; DP = 1,62). A amostra concorda maioritariamente que não há nada de errado em campos nudistas (P34. Média = 2,36; DP = 1,94). Sobre a questão de o país precisar de pensadores livres a amostra concorda moderadamente (P35. Média = 2,54, a tender para 3 – Concordo moderadamente; DP = 1,82). A amostra concorda fortemente que deve haver liberdade de escolha sobre o estilo de vida, crenças religiosas e preferências sexuais (P37. Média = 1,27; DP = 0,76). Sobre as pessoas que protestaram pelas leis do aborto, direitos dos animais e pela abolição da oração escolar merecerem admiração a amostra concorda moderadamente (P39. Média = 2,63 a tender para 3– Concordo moderadamente; DP = 2,03). A amostra não concorda nem discorda que as melhores pessoas do seu país são as que desafiam o governo, as que criticam a religião, etc. (P41. Média = 4,91 a tender para 5– Não concordo nem discordo; DP = 2,32). Na questão sobre o lugar da mulher ser onde quiser e as convenções sociais pertencerem ao passado, a amostra revelou que concorda fortemente (P44. Média = 1,22; DP = 1,05). A amostra concorda maioritariamente que não existe maneira correta de viver a vida e que cada pessoa tem de criar a sua (P46. Média = 1,87 a tender para 2– Concordo maioritariamente; DP = 1,44). Confirmou-se que a amostra concorda moderadamente que os homossexuais e feministas dever ser admiradas por desafiar os valores tradicionais (P47. Média = 3,3; DP = 2,23).

Estatística inferencial

Na tabela 10 (cf. Anexo II) observa-se que os indivíduos com idade compreendida entre os 18 e 20 anos em média discordam moderadamente com os valores autoritários medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente (média = 3,4; desvio-padrão = 1,68). Por seu lado os indivíduos com idade compreendida entre os 21 e 30 anos em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 2,95, aproximadamente 3-Discordo moderadamente; desvio-padrão = 1,19), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Já os indivíduos com idade compreendida entre os 31 e 45 anos em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 3,36; desvio-padrão = 1,54), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Os indivíduos com idade de 46 e mais anos em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 3,12; desvio-padrão = 1,68). Quando se mediram os níveis de autoritarismo usando a cotação inversa em que 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente, observou-se que os indivíduos com idade compreendida entre os 18 e 20 anos em média discordam maioritariamente

com as questões apresentadas (média = 2,03; desvio-padrão = 1,03). Por seu lado os indivíduos com idade compreendida entre os 21 e 30 anos em média discordam maioritariamente com as questões apresentadas (média = 2,18; desvio-padrão = 0,88), medidos numa cotação de 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente. Já os indivíduos com idade compreendida entre os 31 e 45 anos em média discordam moderadamente com as questões apresentadas (média = 2,50 a tender para 3-Concordo moderadamente; desvio-padrão = 0,99), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Os indivíduos com idade de 46 e mais anos em média discordam moderadamente com as questões apresentadas (média = 2,73 a tender para 3; desvio-padrão = 1,26), medidos numa cotação 1- Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente.

Na tabela 11 (cf. Anexo II) observa-se que os indivíduos que possuem um rendimento mensal líquido compreendido entre 300€ e 600€ em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 3,10; desvio-padrão = 2,26), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. À semelhança os indivíduos com um rendimento mensal líquido compreendido entre 601€ e 900€ em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 3,23; desvio-padrão = 1,45), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Os indivíduos com um rendimento mensal líquido de 901€ a 1200€ em média também discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 2,97, aproximadamente 3- Discordo moderadamente; desvio-padrão = 1,09), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Por seu lado, os indivíduos com um rendimento mensal líquido compreendido entre 1201€ e 1500€ já discordam ligeiramente com os valores autoritários (média = 3,69, aproximadamente 4; desvio-padrão = 1,20), medidos numa cotação de 1-Discordo fortemente a 9- Concordo fortemente. Os indivíduos com um rendimento mensal líquido superior a 1500€ discordam maioritariamente com os valores autoritários (média = 2,44; desvio-padrão = 1,02). Quando se mediram os níveis de autoritarismo usando a cotação inversa em que 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente, observou-se que os indivíduos que possuem um rendimento mensal líquido compreendido entre 300€ e 600€ em média discordam maioritariamente com os valores autoritários (média = 1,87 a tender para 2; desvio-padrão = 0,37), medidos numa cotação de 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente. Os indivíduos com um rendimento mensal líquido compreendido entre 601€ e 900€ em média discordam maioritariamente com os valores autoritários (média = 2,33; desvio-padrão = 0,90), medidos numa cotação de 1-Concordo fortemente a 9- Discordo

fortemente. Os indivíduos com um rendimento mensal líquido de 901€ a 1200€ em média discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 2,56 a tender para 3; desvio-padrão = 1,16), medidos numa cotação de 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente. Por seu lado, os indivíduos com um rendimento mensal líquido compreendido entre 1201€ e 1500€ discordam maioritariamente com os valores autoritários (média = 2,31; desvio-padrão = 1,72), medidos numa cotação de 1-Concordo fortemente a 9- Discordo fortemente. Os indivíduos com um rendimento mensal líquido superior a 1500€ discordam moderadamente com os valores autoritários (média = 2,50 a tender para 3; desvio-padrão = 0,70)

Na tabela 12 (cf. Anexo II) observa-se que os indivíduos que possuem o grau de formação: 9º ano em média concordam frequentemente ao nível da reflexão crítica (média = 4,88; desvio-padrão = 1,59), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,50, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0), no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fizeram isso (média = 1,0; desvio-padrão = 0). O indivíduo que possui o grau de formação: 10º ano em média concorda ligeiramente ao nível da reflexão crítica (média = 4,5), já ao nível da motivação crítica em média concorda fortemente (média = 5,5, aproximadamente 6); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,0). Os indivíduos que possuem o grau de formação: 11º ano em média concordam frequentemente ao nível da reflexão crítica (média = 4,88, aproximadamente 5; desvio-padrão = 1,59), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,75, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,35); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,0, desvio-padrão = 1,0). Os indivíduos que possuem o grau de formação: 12º ano em média concordam ligeiramente ao nível da reflexão crítica (média = 4,22; desvio-padrão = 1,32), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,65, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,41); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,47; desvio-padrão = 1,0). Os indivíduos que possuem o grau de formação: Licenciatura em média concordam frequentemente ao nível da reflexão crítica (média = 4,56, aproximadamente 5; desvio-padrão = 1,01), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,63, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,45); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,43; desvio-padrão = 0,54). Os indivíduos que possuem o grau de formação: Pós-Graduação em média concordam ligeiramente ao nível da reflexão crítica (média = 4,05; desvio-padrão = 2,09), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,75, aproximadamente

6; desvio-padrão = 0,20); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,20; desvio-padrão = 0,35). Os indivíduos que possuem o grau de formação: Mestrado em média concordam frequentemente ao nível da reflexão crítica (média = 4,58, aproximadamente 5; desvio-padrão = 1,01), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,46, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,47); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que nunca fez isso (média = 1,69; desvio-padrão = 0,79). Os indivíduos que possuem o grau de formação: Doutoramento em média concordam fortemente ao nível da reflexão crítica (média = 5,50, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,52), já ao nível da motivação crítica em média concordam fortemente (média = 5,77, aproximadamente 6; desvio-padrão = 0,28); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que fez isso uma ou duas vezes no último ano (média = 2,16; desvio-padrão = 0,69). O indivíduo que possui o grau de formação: Pós-doutoramento em média concorda fortemente ao nível da reflexão crítica (média = 6), já ao nível da motivação crítica em média concorda fortemente (média = 5,77, aproximadamente 6); no que respeita à ação crítica confirmou-se em média que fez isso uma vez em alguns meses (média = 3,0).

Questão de investigação

Será que a consciência crítica está correlacionada com os valores autoritários?

A consciência crítica foi medida em três subescalas/construtos: Reflexão Crítica (1-Discordo fortemente a 6-Concordo fortemente), Motivação Crítica (1-Discordo fortemente a 6-Concordo fortemente), Ação Crítica (1-Nunca fiz isso a 5-Pelo menos uma vez por semana).

Enquanto os valores autoritários foram medidos em duas subescalas/construtos: Valores autoritários (Cotação 1-Discordo fortemente a 9-Concordo fortemente) e Valores autoritários (Cotação inversa 1-Concordo fortemente a 9-Discordo fortemente).

Uma vez que as variáveis que integram a consciência crítica e as variáveis que integram os valores autoritários são de natureza quantitativa, aplicou-se o teste ao coeficiente de correlação de Pearson para verificar se estão correlacionadas.

A tabela 13 (cf. Anexo II) apresenta a matriz de correlações entre consciência crítica e os valores autoritários, revelando que estão correlacionados negativamente quando a cotação utilizada foi 1-Discordo fortemente a 9-Concordo fortemente. Ou seja, se a concordância com os valores autoritários aumenta então a concordância com a reflexão crítica e com a motivação crítica diminui, assim como diminui a frequência da ação crítica. Estão também correlacionados negativamente, quando a cotação utilizada

foi a inversa 1-Concordo fortemente a 9-Discordo fortemente. Ou seja, se a discordância com os valores autoritários aumenta então a discordância com a reflexão crítica e com a motivação crítica diminui, assim como diminui a frequência da ação crítica.

Fase do estudo qualitativo

Nesta segunda fase da investigação procurávamos compreender como teria cada participante pensado sobre cada construto presente nas escalas. Elaborámos um conjunto de perguntas abertas (ver Anexo III) que pretendiam auscultar as reflexões acerca do tema deste trabalho o que se deveu a algumas considerações como as que se seguem:

Do grupo de indivíduos que não foi possível auscultar, mas que gostaríamos de ter contactado por darem algumas respostas mais radicalizadas do que a maioria (como já enunciado no ponto anterior aquando do esclarecimento da constituição deste grupo de participantes), pensamos que, precisamente por não terem afirmado a sua disponibilidade ou vontade de prosseguir neste estudo, pode ser por nós considerado como uma nova hipótese de trabalho: Estarão estes indivíduos menos disponíveis para a reflexão política ou, simplesmente, não ponderam sequer o interesse desta abordagem? Ou será que consideram as suas respostas suficientes para a compreensão deste tema?

Houve ainda alguém que abriu o documento, terá lido o consentimento informado, onde se explica a razão de ser do trabalho e se esclarece o âmbito do mesmo e, ao invés de simplesmente sair da plataforma sem enviar qualquer informação, decidiu responder “Não” na questão inicial: “Aceita participar neste estudo?”. É facto que a opção dicotómica sim ou não prevê a resposta negativa, curioso será apontar este gesto que não é indiferente (especialmente pelo contexto online e a possibilidade de não virmos sequer a saber da abertura do documento por alguém que escolha não o completar, a não ser que, como neste caso, submeta a resposta negativa). Mais uma vez, seria importante procurar saber porque tantas pessoas não desejam abordar temas políticos.

Também um outro caso implicou a exclusão dos dados, por haver demasiadas respostas em branco e, dos 163 participantes iniciais pudemos então trabalhar com 161 protocolos completos. Estes foram a base para o estudo inicial, mas tivemos de proceder à busca minuciosa de possíveis participantes a partir do grupo que disponibilizou contacto, assim, optámos por contactar 10 dos 95 possíveis.

A necessidade de operacionalizar alguns construtos permitiria também enquadrar as nossas questões de trabalho e auxiliar o repensar a investigação aqui realizada.

Foi então elaborada uma entrevista com 17 perguntas (cf. Anexo Z).

Análise dos discursos

Unidades de análise para a codificação aberta

Como valores, na primeira questão (Valores mais importantes numa sociedade), surgem termos como Respeito (E1, E6 e E10); Igualdade (E2, E3, E6, E9); Empatia (E1, E2), Liberdade (E2, E10), Cooperação (E3, E7, E10), Sinceridade (E5, E10), mas também Confiança (E5), Civismo e Educação (E4), Fidelidade e Compromisso (E1) e Honra e Lealdade (E8), Bondade (E5) e Sensibilidade (E9), Solidariedade (E3), Compaixão (E1), Civismo e Educação (E4), Confiança (E5), Boa Estrutura, Boa Liderança (E7), Abertura (E9) e ainda Consciência de Classe (E9).

Se atendermos aos termos usados e à expressão escolhida por E9, ao referir a noção de “consciência de classe”, poderíamos quase de imediato inferir a sua última resposta, alinhada à esquerda, o que, de facto sucede. Se, por outro lado, tomarmos como ponto de partida para alguma nova consideração, utilizando para isso a referência a Respeito, temos as falas de E1, E6 e E10, se recorrermos às noções de Honra e Lealdade como próximas do conceito Respeito, introduzimos a voz de E8, mas podemos ainda associar o que deduzimos das palavras de E7 quando aponta “boa estrutura e boa liderança” (que entendemos como referência à organização social, de grupos, comunidades ou país). Deste modo, se acrescentarmos as decisões de cada pessoa entrevistada quanto à sua escolha partidária por esquerda ou direita verificamos que E1, E6, E7, E8 e E10 não são indivíduos alinhados no mesmo sentido (E1, E10 estarão à direita enquanto que E6, E7 e E8 se afirmam à esquerda). Poderá isto significar que existem valores comuns a quem se encontra em lugares distintos do espectro político? Em termos latos, ou ao nível conceptual -dos Valores- parece-nos que sim e a análise vai permitir-nos discutir esta primeira impressão.

Na segunda interrogação (Como a educação familiar/escolar influenciou as visões pessoais sobre o mundo), encontrámos respostas que nos indicam escolhas distintas dos sujeitos ou contextos sentidos como tendo tido maior peso na definição possível de quem são, agora, estes indivíduos: Por um lado as considerações sobre a influência da família, na quase totalidade das respostas, mas também o lugar da escola, referida especialmente por uma das pessoas (E9) que afirma “Tive uma professora que me deu muita liberdade, ... convenceu-me que eu tinha voz,... teve mais peso que os meus próprios pais...”, Mas também obtivemos uma referência à época histórico-política em que se foi criança, como o caso de E6 quando lembra que nascera “num mundo onde ainda não existia democracia” -antes do 25 de abril de 1974- e que, “após essa data tomei consciência do que é respeitar

o semelhante em termos de direito à opinião e à liberdade de consciência (política)”. Uma das entrevistas revela a importância dos mecanismos de contra-identificação no desenvolvimento humano: E1 diz “nasci num berço católico... se as experiências de vida me condicionaram nas escolhas foi então no sentido oposto ao da família e da escola...”, também E3 revela a importância desse contraponto com pessoas/experiências que conduzem a tomada de decisão distinta da do círculo envolvente “o contacto com pessoas conservadoras veio vincar mais os meus valores de esquerda...”. E10 põe a hipótese de, o facto de ter nascido e crescido num meio não urbano, ser uma justificação para a sua tomada de posição sobre esta matéria “nasci num meio maioritariamente cristão, onde a visão política é mais tradicional e com ideias intrinsecamente ligadas à religião... também ser um meio não urbano pode ter influenciado...”.

Numa referência quase de identificação direta com o meio ambiente e as pessoas nesse meio, surge a resposta de E8 “comportamento gera comportamento... o meu pai, militar, nunca me bateu!”. E7 usa a ideia de permissividade que associa a uma leitura livre da vida, ao aprendido/vivido na família “o facto de ter pais liberais pode ter influenciado a maneira como vejo as coisas... de forma aberta e permissiva.”. E2 e E5 remetem para o vivido na família “liberdade e falta de pressão em casa” E2, “muitos desses valores foram incutidos pelos pais” E5.

A resposta de E4, fugindo ao pedido, afirma “sempre trabalhei e vi pessoas que faziam o contrário a ter mais ajudas... os que menos se esforçam são os mais beneficiados...” e acrescenta que tal se deverá ao facto de vivermos “a era do socialismo”. Perguntamo-nos se esta consideração remeterá para a possível maior influência do meio extra familiar, mas concretamente, esta resposta não nos permite retirar a informação pretendida.

Terceira (Características do que pode ser “um cidadão/uma cidadã ativo/a”)

Talvez possamos iniciar esta apresentação dos dados para esta questão com a formulação de um grupo de termos que categorizaríamos como estando ligados à tradição ou pertença histórica: E1 e E10 referem precisamente esta dimensão “ter conhecimento da História Portuguesa... Respeito, educação, seriedade.” (E1) e “alguém atualizado, culto, com boa noção de História...” (E10) e acrescenta “Alguém com preocupação e interesse no futuro.” também E4 aponta “ter interesse pelo que se passa no país, ser trabalhador e ambicioso.” Importa referir que estes são os três relatos de pessoas que se afirmam politicamente à direita. Todas as outras falas parecem retomar o tom da primeira pergunta E2 permite fazer uma passagem lógica deste primeiro grupo pois refere a

importância de “...saber o que se passa à sua volta...” e também “ser capaz de entreajuda... consciência dos seus direitos...”. E3 refere “ser capaz de tolerância, empatia, compaixão... tendo senso crítico, vontade de aprender e explorar”, “Honestidade”, “Responsabilidade”, “Estar presente” e “Ser solidário” foram ideias referidas por diferentes pessoas E5, E2, E6, E8 ou “Sociável” (E9) para conhecer o mundo e prestar atenção às diferenças.

Quarta (Seguir em frente significará?) Neste ponto as respostas foram variadas, com E1 a considerar que falar-se grupos com dificuldades seria “a maior falácia de todos os tempos” por partir do princípio de que “não existem menos oportunidades para ninguém” e, para justificar este ponto de vista, apresenta ainda exemplos em que há mais mulheres a trabalhar do que homens, por exemplo e acrescenta que a referência a “questões étnicas” ou “pobres” será também falacioso pois deveria considerar-se “a meritocracia”. Não exclui a hipótese de algumas pessoas poderem sofrer alguma forma de discriminação, mas tais casos “serão despiciendos”. Também E2 refere a importância de considerar “o mérito próprio” para “chegar aos objetivos” definidos. Para E3 os aspetos económicos e de sexo ou etnia são considerados, afirma “muitas pessoas são limitadas pelo estatuto económico”, “ser mulher ou negro também pode dificultar...”. E5, sem necessariamente especificar, considera que “nem toda a gente consegue alcançar os mesmos objetivos... que outros grupos mais privilegiados”. O mérito é também referido por E7 “o teu próprio mérito e esforço”. E10 “ter a oportunidade de chegar a certos cargos” é a sua posição, sem definir o que a ideia de “certos cargos” poderá significar.

Quinta (Um bom emprego)

E5 e E10 são as únicas falas que não referem de modo explícito aspetos financeiros E5 fala da impressão de reconhecimento “onde me sinta respeitada e valorizada”, “bom ambiente... e gostar do que se faz”, E10 usa uma frase-feita, “um bom emprego não é um trabalho!” algo de que se goste tanto que não se considere trabalhar. E1 também faz menção à importância de “um bom ambiente”, mas antes de tudo afirma a importância de garantia de “salário digno... que permita sustentar a vida escolhida.”, E2 considera importante “fazer o que se gosta”, mas indica o dilema de muitas vezes, muita gente ter de “escolher entre liberdade financeira e felicidade”. E4, E5, E6, E7, E8 falam de “estabilidade” e “devido valor” como reconhecimento do trabalho. E9 acrescenta a ideia de “ambiente de trabalho saudável”.

Sexta (o Voto) neste ponto apenas E4 afirmou nunca ter votado, condição que pensa mudar “não voto, mas vou passar a votar.” Justifica com o facto de “o conhecimento político que tinha era limitado para tomar decisões...”. E1 julga mesmo que devia ser “um dever”. E2 diz que votar é “um direito e um dever.” E acrescenta “tantas mulheres que sofreram para eu poder votar que seria ingrato não o fazer.” E5 acrescenta à ideia de “direito” o facto de considerar que é também “uma responsabilidade”. E7 afirma que sente que “perdia o direito de criticar as decisões que partem dos eleitos”, por exemplo. E6 lembra o interesse de votar também como forma de “combate à abstenção”.

Sétima (opinião sobre “políticos”)

Uma das pessoas escolheu não tecer qualquer opinião sobre estes “não tenho nenhuma ideia, também não saberia o que responder a essa pergunta se fosse sobre (sei lá)... médicos...” E9. E1 e E10 podem apresentar-se quase em conjunto: “são necessários... sem estes o mundo viraria uma anarquia...” E1 e “têm cargos difíceis... muita responsabilidade... mas têm mais regalias do que deviam... são demasiado protegidos.” E10. Todos os outros comentários, por exemplo de E3, E4, e E5 que usam a palavra “corruptos” ou “corrompidos” (pela ganância), ou de E2, E6, E7 e E8 que usam termos de descrédito como “deviam ocupar-se de outras coisas” E2, “servem-se do povo para atingir objetivos pessoais” E6, “cada vez descredito mais deles... pouco éticos... têm falta de responsabilidade” E7, “a maioria não sabe o que é honra ou lealdade...” E8, mostram que ninguém deste grupo de participantes consegue uma leitura positiva desta classe que, teoricamente deve representar toda a população nos órgãos de governo e gestão da coisa comum.

Oitava (opinião sobre “influencers”)

Um pouco além do tema central, mas com importância para o século digital em que vivemos, esta questão surgia quase como tentativa de discriminação entre a ideia de político(a) como ocupação maior e potencial populista no lugar de produtores de conteúdos para a internet, as redes ou outros meios de comunicação social⁵. Neste ponto mais uma vez E9 se escusa a comentar, referindo “são trabalhos.”, E1 encontra possíveis

⁵ Numa notícia do jornal Público, no dia anterior ao encerramento da plataforma de submissão deste documento (15 de julho, 2023), é notícia o programa de pagamento do *Twitter* para produtores de conteúdos – *influencers* – mas ao momento, apenas aqueles que publicam “*tweetts*” alinhados às perspetivas de grupos de extrema direita e que, Elon Musk – enquanto dono da empresa – deseja financiar.

Disponível aqui: <https://www.publico.pt/2023/07/14/tecnologia/noticia/programa-monetizacao-twitter-prioridade-influenciadores-extremadireita-2056894>

“boas exceções” afirmando “alguns trazem conteúdo interessante... que pode ajudar a mudar mentalidades.”, E10 pondera a necessidade de taxar essa atividade pois “o crescimento (deles/influencers) deve-se à falta de inteligência das pessoas”, E3 usa aqui também a ideia de corrupção “são corrompidos pela publicidade (que os sustenta)” lembrando que têm enorme potencial para terem na população um “bom impacto, mas o que dá engajamento é só o fútil...”. Também E7 faz referência à publicidade e à falta de coerência ou honestidade de muitos precisamente por se entregarem à divulgação de marcas ou produtos “que nem eles próprios acreditam, tudo a troco de dinheiro...”. E8 diz de forma seca “um influencer é um manipulador.”. E6 diz que “não tenho opinião formada, não sei, não sigo.”.

Nona (conhecer representantes da região nos órgãos políticos)

Parecendo voltar um pouco atrás na organização da conversa, queríamos regressar à política e consciência do próprio conhecimento em torno dos meandros da organização do país, perguntávamos se sabem quem são os membros das listas das organizações ou partidos políticos que concorrem pelos círculos eleitorais onde votam, 5 participantes dizem não saber quem são, outros 5 participantes afirmam conhecer essas pessoas.

Décima (características de “bom líder” político)

E9 diz não saber e “não gosto da ideia de caracterizar <um bom político>... depende, não é?”. E6 e E8 referem a capacidade para “procurar o desenvolvimento do país e do povo...” E6, “apresenta um bom projeto e consegue concluí-lo.” E8. Para E1 os valores religiosos que são os seus são aqui apontados como charneira “Se for cristão terá todas as outras características importantes.”. E4 refere o “patriotismo” como primeira grande característica, mas também, e nas suas palavras “a quase impossível... honestidade”. E10 usa palavras como “íntegro... humilde... nada influenciável... de fortes convicções.”, “cumpridor de promessas e com preocupação genuína pelo povo”. E7 escolhe a ideia de “problema solver”, conseguindo uma “boa liderança... transparente... comunicativo... capaz de assertividade.”

Décima primeira (razões para aderir a grupos)

E1 “faço parte da igreja.”, E2 diz que se interessaria, sim, “algo ligado ao apoio a animais...”, E3 escolhe ponderar “valores como a igualdade, justiça social, cooperação” como passíveis de mobilizarem a sua pertença a uma organização. E8 diz estar ligado a várias organizações pois para si “quando falamos de associativismo podemos falar em

discutir o futuro, analisar e tentar ajudar na área social.”, E9 lembra a sua pertença de há uns anos a associações de combate “à violência doméstica”. Os restantes participantes não estão e não encontram qualquer associação, organização ou tema que pudesse conduzir à sua mobilização para uma “filiação” ao grupo.

Décima segunda (Marchas e outras formas de atenção/protesto)

E1 “depende... tudo que possa ir contra os valores cristãos sou contra.”, E4 considera que qualquer destas ações é “uma perda de tempo.” E que só em situações “extremas é que a vontade das pessoas é levada a valer...”. Todas as outras contribuições ponderavam a mais valia de marchas ou movimentações em espaço público por alguma causa: E8 concorda com estas ações, mas com reservas “desde que não haja violência”, “os extremismos dão sempre mau resultado”. E7 mostra alguma cautela “... algumas deviam ter um maior grau de ‘pacificidade’”, E2 há temas que só são falados “e discutido quando há essas situações.”, E3 “as grandes mudanças a nível histórico só aconteceram através de reivindicações públicas.”, E5 “para dar visão a assuntos...”, E6 “demonstram o desagrado do povo” e ainda “É um direito nosso”, E9 considera que a reunião pública de pessoas “é importante para unir as pessoas em torno de uma causa... dá esperança às pessoas!”.

Décima terceira (Obediência)

E1, E4 e E10 aceitam a ideia de obediência com termos como “Sim. Com certeza.” E1, “É factor importante para o bom funcionamento da sociedade.” E4, “Importante para manter a ordem.” e como significado de “respeito por quem está acima.” E10. E8 diz “falamos em obediência, podemos falar de disciplina... a disciplina cultiva-se, não se impõe!” E7 considera que a obediência “deve ser seguida em certos contextos... regida pelo pensamento pessoal é importante para manter a ordem”, a obediência à lei é referida por E2, E3, E5 e E6, já E9 é a única voz dissonante ao afirmar perentoriamente “Ninguém deve obediência a ninguém. Nem filhos a pais...”.

Décima quarta (Livres pensadores)

Enquanto E1 considera que um livre pensador é “um risco para a sociedade” pois “se todos fossemos, a sociedade tornava-se vazia... uma vez que uma sociedade só se sustenta se for baseada nas tradições, na autoridade, nos dogmas.”, E4 considera que livres pensadores são pessoas “cujas ideologias não são formatadas pelos outros” e E10 diz que se trata de “alguém que não deixa o seu pensamento ser manipulado por

ninguém.”. E8 diz que “a única liberdade que temos é a liberdade de pensamento...”, E7 refere a matriz de cultura que deve estar na base da consideração de um livre pensador “é alguém culto e que sabe aceitar outros pontos de vista.”.

Décima quinta (Valores tradicionais)

E1 diz “valores que foram estabelecidos há séculos, caracter, ética, moral.”, E4 considera tratem-se de “valores que foram passando de geração em geração e nos trazem ao que somos”, E10 acrescenta serem “importantes para a manutenção da identidade!”, E9 considera que serão “ideias que vêm de experiências passadas/do passado e pelas quais, muito mais tarde, as pessoas acham que se devem reger.”, E8 distingue valores de uma região e valores pessoais, “um valor tradicional pode, nos dias de hoje, não ter qualquer valor real.”, para E6 são Valores tradicionais o “respeito pelo semelhante, a educação e o cumprimento íntegro das obrigações”. E2 considera que o próprio termo remete para algo “antiquado... devemos ultrapassar a maior parte desses valores.”. A ideia de valores que passam de geração em geração é também sustentada por E3 e E5.

Décima sexta (esclarecimentos adicionais sobre os conceitos)

Nesta questão pretendíamos dar voz livre a cada participante e podiam, como nas anteriores perguntas, escolher não acrescentar mais nada, foi a decisão de E1 e E2, E10 resolveu esclarecer a sua expressão sobre valores tradicionais acrescentando que “são bons valores.” E que, ao apoiar-se na ideia de livre pensamento, estes dois termos poderiam alinhar-se, promovendo a avaliação pessoal de cada valor tradicional. E5 e E6 também refletem os conceitos de tradição e pensamento E5 “um livre pensador pode perceber que valores são importantes e quais (devem ser para) abandonar por não fazerem mais sentido”, E5 pondera a possibilidade de alguns valores tradicionais poderem “ser importantes para preservar a cultura...”. E9 escolhe explicar o sentir sobre a obediência “sou contra a obediência! ... sou contra os valores tradicionais que têm peso na liberdade de alguém... (impedindo essa liberdade)”.

Décima sétima (esquerda? direita?)

Finalmente, em forma de exercício, E1, E4 e E10 afirmam-se de direita, o restante grupo diz-se de esquerda.

Numa proposta de categorização seletiva diremos que os processos de identificação e contra-identificação (tal como Erikson os apresentou acerca do desenvolvimento psicossocial) são evidentes em muitas das respostas obtidas. Por outro lado, os trabalhos de Chickering e Reisser (1993) ou conforme Ferreira e Ferreira (2001) podemos compreender a construção/o desenvolvimento da identidade como um processo que garante a cada pessoa a assunção de um conceito de si estável e coerente com outras facetas como o propósito e o sentido de integridade. O caso de E1 será paradigmático pela sua recorrência à religião como pano de fundo para todas as suas considerações e tomadas de decisão, enquanto que E9, por exemplo, se afirma num lugar de corte ou rutura com quaisquer formas ou modalidades de relação baseadas na autoridade. E4 parece ter emergido, como se assumisse, à altura desta narrativa que nos oferece, em muitos dos pontos tocados pelas questões sugeridas e é disso evidência maior a resposta que dá à ideia de pretender começar a votar por, até agora, não ter informação suficiente para o fazer, mas não parece ponderar sequer a hipótese de estar a recolher informação sem o crivo do juízo crítico, sem se questionar. E1, mais uma vez, aparece-nos num registo de grande coerência quando afirma o livre pensamento como um perigo e numa outra questão aponta a necessidade de dogmas como valores positivos para a organização social.

Alpha de Cronbach

O Alfa de Cronbach é uma medida de consistência interna que varia entre 0 e 1. Quanto mais perto de 1, maior é a consistência interna. Portanto, o valor do Alpha de Cronbach é determinado pelo número de variáveis, pela variância média e também pela covariância média entre variáveis.

Os seguintes valores são a referência:

- < 0,5 – Inaceitável;
- 0,5 a 0,6 – Pobre;
- 0,6 a 0,7 – Questionável;
- 0,7 a 0,8 – Aceitável;
- 0,8 a 0,9 – Bom;
- >0,9 – Excelente.

Contudo, o valor 0,7 é o valor mínimo aceitável.

Construto: Reflexão Crítica (Escala de ShoCCS)

Primeiro mediu-se a consistência interna da nova variável: Reflexão Crítica através do Alpha de Cronbach para se certificar de que as quatro variáveis: P14 a P17 estão a medir o mesmo construto. Na tabela 14 (cf. Anexo II) identifica-se o valor do Alpha de Cronbach e a quantidade de variáveis que entraram na análise, ou seja, foram quatro variáveis e o alfa é de 0,882 (Bom).

Dado que a eliminação de qualquer item não aumentaria o Alpha de Cronbach calculou-se o construto: Reflexão Crítica com as quatro variáveis iniciais (tabela 15, cf. Anexo II).

Construto: Motivação Crítica (Escala de ShoCCS)

Primeiro mediu-se a consistência interna da nova variável: Motivação Crítica através do Alpha de Cronbach para se certificar de que as quatro variáveis: P18 a P21 estão a medir o mesmo construto. Na tabela 16 (cf. Anexo II) identifica-se o valor do Alpha de Cronbach e a quantidade de variáveis que entraram na análise, ou seja, foram quatro variáveis e o alfa é de 0,531 (Pobre).

Dado que a eliminação de qualquer item não aumentaria o Alpha de Cronbach calculou-se o construto: Motivação Crítica com as quatro variáveis iniciais (tabela 17, cf. Anexo II)

Construto: Ação Crítica (Escala de ShoCCS)

Primeiro mediu-se a consistência interna da nova variável: Motivação Crítica através do Alpha de Cronbach para se certificar de que as cinco variáveis: P22 a P26 estão a medir o mesmo construto. Na tabela 18 (cf. Anexo II) identifica-se o valor do Alpha de Cronbach e a quantidade de variáveis que entraram na análise, ou seja, foram cinco variáveis e o alfa é de 0,804 (bom).

Dado que a eliminação de qualquer item não aumentaria consideravelmente o Alpha de Cronbach calculou-se o construto: Ação Crítica com as cinco variáveis iniciais (tabela 19, cf. Anexo II).

Construto: Valores autoritários (Cotação 1 a 9)

Primeiro mediu-se a consistência interna da nova variável: Valores autoritários (Cotação 1 a 9) através do Alpha de Cronbach para se certificar de que as dez variáveis: P29, P31, P33, P36, P38, P40, P42, P43, P45 e P48 estão a medir o mesmo construto. Na

tabela 20 (cf. Anexo II) identifica-se o valor do Alpha de Cronbach e a quantidade de variáveis que entraram na análise, ou seja, foram dez variáveis e o alfa é de 0,816 (Bom).

Dado que a eliminação de qualquer item não aumentaria consideravelmente o Alpha de Cronbach calculou-se o construto: Valores autoritários (Cotação 1 a 9) com as dez variáveis iniciais (tabela 21, cf. Anexo II).

Construto: Valores autoritários (Cotação 9 a 1)

Primeiro mediu-se a consistência interna da nova variável: Valores autoritários (Cotação 9 a 1) através do Alpha de Cronbach para se certificar de que as dez variáveis: P30, P32, P34, P35, P37, P39, P41, P44, P46 e P47 estão a medir o mesmo construto. Na tabela 22 (cf. Anexo II) identifica-se o valor do Alpha de Cronbach e a quantidade de variáveis que entraram na análise, ou seja, foram dez variáveis e o alfa é de 0,793 (Bom).

Dado que a eliminação de qualquer item não aumentaria consideravelmente o Alpha de Cronbach calculou-se o construto: Valores autoritários (Cotação 9 a 1) com as dez variáveis iniciais (tabela 23, cf. Anexo II).

Coefficiente de correlação linear de Pearson

O teste de Pearson confirma se as variáveis intervalares (quantitativas) estão correlacionadas e a sua magnitude.

Hipótese teórica (H1+): *A consciência crítica influencia direta e positivamente o autoritarismo?*

H0: Não há correlação entre a *consciência crítica* e o *autoritarismo*.

H1: Há correlação entre a *consciência crítica* e o *autoritarismo*.

Regra de decisão:

Não rejeitar a H0 se $\text{sig} > \alpha = 0,05$

Rejeitar a H0 e aceitar a H1 se $\text{sig} \leq \alpha = 0,05$

Decisão: A partir da tabela 24 (cf. Anexo II), conclui-se que há uma correlação linear fraca e negativa entre a *reflexão crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 1 a 9 ($r_{\text{pearson}}(161) = -0,349$, $p\text{-value} = 0,001 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear). À semelhança, verificou-se que há uma correlação linear muito fraca

e negativa entre a *motivação crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 1 a 9 ($r_{\text{pearson}}_{(159)} = -0,157$, $p\text{-value} = 0,049 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear). Verificou-se ainda que há uma correlação linear fraca e negativa entre a *ação crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 1 a 9 ($r_{\text{pearson}}_{(159)} = -0,317$, $p\text{-value} = 0,001 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear). Por outro lado, observou-se que há uma correlação linear fraca e negativa entre a *reflexão crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 9 a 1 ($r_{\text{pearson}}_{(161)} = -0,303$, $p\text{-value} = 0,001 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear). Confirmou-se que há uma correlação linear fraca e negativa entre a *motivação crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 9 a 1 ($r_{\text{pearson}}_{(159)} = -0,223$, $p\text{-value} = 0,005 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear). Verificou-se ainda que há uma correlação linear muito fraca e negativa entre a *ação crítica* e os valores autoritários utilizando a cotação 9 a 1 ($r_{\text{pearson}}_{(159)} = -0,171$, $p\text{-value} = 0,031 \leq 0,05$ (aceita a hipótese alternativa, de que há correlação linear).

Discussão

O presente estudo tem como objetivo analisar uma possível correlação entre consciência crítica e atitudes políticas autoritárias de direita. Para além disso, avaliar e discutir a leitura existente e a relação de certos dados sociodemográficos da amostra do estudo (idade, rendimento e grau de formação) com o autoritarismo de direita. Deste modo, a discussão dos resultados será estruturada de acordo com os objetivos previamente estabelecidos e suportada pela leitura de diversos autores e, de modo particular, o trabalho de Haste (2004).

Como é referido no início deste trabalho (em enquadramento teórico – página 9), o ano de 2020 obrigou o mundo a esconder-se por detrás de máscaras cirúrgicas a propósito de um vírus que ameaçou a saúde física dos humanos, mas mal estava a pandemia a parecer ficar controlada, logo novo desafio se colocava à Europa (e ao mundo), dessa feita por via de uma outra forma de ataque, este armado e decorrente de um processo mal conduzido em termos políticos: a 24 de fevereiro de 2022 dá-se a invasão da Ucrânia por forças militares russas e, no momento em que este ponto da dissertação se organiza, nada é certo, nada seguro, todo o mundo ocidental parece estar em suspenso quanto ao que deste novo processo de luta advirá e, mais uma vez, a importância da reflexão séria e ética em torno do que move os indivíduos, do que acalenta modalidades de relação entre cidadão e Estados volta a ser questionado: haverá glória na guerra?⁶ Haverá heroicidade no combate armado? Em pleno século XXI, ainda no rescaldo de uma situação que inicialmente parecia ter convocado a humanidade a parar e repensar-se, eclode a guerra no velho continente, onde se pensava poder viver na paz assente na não utilização de armas convencionais e, subitamente, começa a ouvir-se a hipóteses da escalada para a guerra biológica, as armas químicas, em última análise, o nuclear.

Por outro lado, também neste cenário de guerra e tal como referido (ver página 9) antes, mais uma vez as pessoas não foram tratadas com o mesmo nível de crueldade ou humanidade: se poucos anos antes se tinha notado o levantamento popular de suporte à vida das pessoas negras, do conflito na Ucrânia chegava ao mundo notícia de filas e filas de indivíduos, homens, mulheres, crianças, amontoadas, deixadas para o final de

⁶ Qualquer guerra, toda a guerra é um sintoma do falhanço humano como animal pensante. John Steinbeck (1902 – 1968) no seu livro de crónicas de guerra enquanto correspondente para o New York *Herald Tribune* entre junho e dezembro de 1943 e publicado em 1958, *Once there was a war*, autor nascido a 27 de fevereiro de 1902

quaisquer possibilidades de fuga das zonas em maior risco, pessoas duplamente subjugadas: pela guerra, por outros que, como elas, procuravam apenas salvar-se para longe daquelas paragens. O mundo desigual a mostrar-se no seu pior, o princípio da segregação pela cor da pele, mais uma vez, a deixar a sua marca ignóbil na vida.

No ponto “Fatores de Risco” (ver página 14) surge a afirmação: “É impossível encontrar uma explicação simples e definitiva para esta tendência em alguns adolescentes” Este fenómeno resulta de uma interação complexa entre uma variedade de fatores: características individuais, experiências de vida, exposição a ideologia extremista, ambiente social e económico, experiências traumáticas, entre outros. É, assim, necessário avaliar cada caso como um caso, considerando a ampla gama de fatores em jogo. A procura, por parte de adolescentes e jovens, de estruturas de ação violentas e assentes em princípios contrários à ideia de liberdade e de desenvolvimento integral, esta busca de explicação será uma necessidade constante, nunca simples e de modo algum definitiva como, aliás, nada é em ciência, mas nestes domínios da complexidade das relações humanas, por força maior da razão, melhor compreendemos a dificuldade da tarefa e a urgência de a empreender. Foi também com este objetivo que esta dissertação se elaborou e que a investigação nela contida teve lugar.

Na Terminologia (ver página 12) faz-se referência ao extremismo de direita como fenómeno complexo e em evolução contínua, esta ideia de “evolução” convoca-nos a uma nova discussão acerca do conceito e dos princípios subjacentes à ideologia aqui reportada. Estes valores são, em si mesmos, contrários ao progresso do potencial de desenvolvimento de todo e qualquer indivíduo humano pois, como sabemos, nem tão pouco conformam a possibilidade de todos os Humanos serem perspetivados como iguais em direitos e dignidade. Segundo Karl Popper, “não devemos aceitar sem qualificação o princípio de tolerar os intolerantes senão corremos o risco de destruição de nós próprios e da própria atitude de tolerância”. Seguindo esta linha de pensamento, a luta contra todas as formas de discriminação e segregação, incluindo-se aqui o extremismo de direita, deve ser considerada uma prioridade. A promoção de uma sociedade igualitária e justa para todos os indivíduos, independentemente da sua etnia, gênero, religião, orientação sexual ou poder económico apenas será possível através da inclusão de novas perspetivas na educação e no conhecimento relativamente a este tópico. Surgindo assim um papel significativo para a consciência crítica. Segundo os resultados do estudo, a CC está correlacionada linear e negativamente com os valores políticos autoritários de direita. Embora as correlações encontradas serem fracas, estas ainda assim indicam uma tendência em direção a uma associação entre consciência crítica e valores políticos

autoritários, suportando a hipótese de que a CC é um fator na determinação dos valores políticos em questão.

Procedendo a uma análise mais detalhada destes resultados, podemos verificar que, no que diz respeito à dimensão da reflexão crítica, observou-se uma correlação fraca e negativa com os ditos valores políticos. Isto sugere que os indivíduos que tendem a refletir criticamente sobre as questões sociais e políticas são menos propensos a adotar valores políticos autoritários de direita. Do mesmo modo, a motivação crítica também demonstrou uma correlação fraca e negativa com os valores autoritários, indicando que os indivíduos que se percebem como capazes de influenciar as estruturas sociais são menos predispostos a apresentar valores autoritários. Por último, também se verificou uma correlação fraca e negativa entre a ação crítica e o pensamento autoritário. Propondo que os indivíduos que promovem ativamente a mudança, por meio de ativismo político ou outras formas de participação cívica, são menos propensos a concordar com valores políticos autoritários de direita. Em suma, os resultados indicam que a consciência crítica está associada a valores políticos mais democráticos e menos autoritários. Existindo aqui a possibilidade de implicações importantes não apenas na prevenção da disseminação de ideologias autoritárias de direita, como também na promoção da dita sociedade mais justa e igualitária.

Se partirmos dos trabalhos e perspectivas de Sen (A Ideia de Justiça, 2011; Escolha Coletiva e Bem-Estar Social, 2018), podemos discutir a ideia referida em Fatores de Risco quando os autores associam as condições de vida de vulnerabilidade socio-económica como estando na base da ligação da propensão de adolescentes e jovens para a busca e o ingresso em estruturas político partidárias radicais ou da extrema direita: se, por um lado assim se tem verificado, pelo menos nas massas que engrossam as fileiras alinhadas (autores e datas), as chefias não são necessariamente ocupadas por indivíduos oriundos de meios não privilegiados. A hipótese de busca de sentido para o preenchimento de um vazio existencial experimentado pode estar na base deste encontro. O trabalho “Scarcity: Why having too little means so much” (Eldar Shafir e Sendhil Mullainathan, 2013) procurou analisar de que forma a pobreza e a escassez de recursos influenciam o processo cognitivo. O foco principal é colocado na satisfação das necessidades imediatas e básicas, deixando pouco espaço para considerações mais complexas e de longo prazo. Dito isto, pode-se argumentar que os indivíduos que vivenciam condições de pobreza tenham menos tempo e preocupação para engajar e refletir em ideologias políticas.

A análise dos dados aponta para uma relação complexa e não linear entre idade e as convicções políticas autoritárias. Ter agrupado os indivíduos nestes grupos 18 a 20

anos, 21 a 30, 31 a 45 e 46 anos ou mais prendeu-se com a tentativa de compreensão de acordo com etapas possíveis da vida, respetivamente indivíduos a poderem frequentar o 1º ciclo do Ensino Superior (ES); no 2º ou 3º ciclo do ES ou a iniciar a vida ativa; em idade ativa e pessoas mais velhas ou que pudessem estar a ingressar na escolaridade obrigatória (iniciar o nível pré-escolar) em Portugal em 1974. As faixas etárias mais jovens e mais velhas apresentaram níveis semelhantes de discordância com estes valores. Procedendo-se a uma análise mais detalhada, verifica-se que: os participantes com idades compreendidas entre os 18 e 20 anos apresentaram uma média de discordância moderada com os valores autoritários, tanto na escala de pontuação normal como na invertida. Os sujeitos com idades entre os 21 e 30 anos revelaram uma pontuação de discordância moderada para a escala normal, enquanto que na escala com cotação invertida em média discordaram maioritariamente. Para a faixa etária entre 31 a 45 anos, a pontuação para a escala de cotação normal foi de discordância moderada, ao passo que para a de cotação invertida a discordância foi ligeiramente maior. Os participantes com mais de 46 anos apresentaram uma pontuação média de discordância moderada para ambas as escalas. Parece por isso legítimo afirmar que, nesta amostra, a idade não compromete diferentemente as conceções dos indivíduos.

Na página 15, surge a ideia ligada ao privilégio financeiro e a tendência para votar mais na direita radical com vista a assegurar o bem-estar adquirido enquanto que, indivíduos em situações de maior fragilidade económica, tendencialmente participarão menos na afirmação democrática do seu pensamento pelo voto. Estas considerações trazidas pela leitura de diferentes autores merecem ser discutidas tendo como pano de fundo uma compreensão psicológica (ou uma colocação de questões pelas lentes da psicologia) desta possível realidade: até que ponto não se prenderá essa maior ou menor disposição para a participação em eleições ao grau de escolaridade e ao tipo de escolaridade havida por cada grupo ou indivíduo? Por outro lado, a sugestão de que indivíduos ou grupos sociais privilegiados tenderão a apostar em regimes menos democráticos ou mais tradicionalistas, não será decorrente do crescente individualismo ou das manifestações de posições políticas (partidárias) assentes numa ideia de meritocracia ou valor pessoal como modelo? No que concerne a este assunto, os resultados deste estudo indicaram o oposto: quanto mais elevado for o rendimento do indivíduo, maior é a tendência para discordar com os valores autoritários. Porém, as variações nas médias são relativamente pequenas e os desvios-padrões são moderadamente altos, apontando este último para a possível influência de outros fatores (como a idade, as experiências de vida e a educação de cada indivíduo). Para além disso,

esta variação não é necessariamente linear. Por exemplo, os participantes com um rendimento mensal líquido de 300€ e 600€ discordaram majoritariamente dos valores autoritários na cotação normal, mas na cotação inversa discordaram moderadamente. Por sua vez, os sujeitos com um rendimento mensal líquido de 1200€ e 1500€ discordaram moderadamente na cotação normal, mas discordaram majoritariamente na inversa.

De um modo geral, a propensão para discordar dos valores autoritários é moderada em todas as faixas de rendimento, com médias acima, mas próximas de 3 na cotação direta (há exceção dos indivíduos com rendimento mais alto que apresentaram uma média de 2,44) e abaixo de 3 na cotação inversa. Em suma, observou-se um efeito relativamente pequeno do rendimento na mentalidade autoritária, concluindo-se que, dentro das variações mínimas observadas, quanto maior for o rendimento do sujeito, maior a tendência para discordar dos valores autoritários.

No ponto Fatores de risco (página 15), é discutido o insucesso escolar/profissional e o papel que desempenha no desenvolvimento da personalidade autoritária. A transição e adaptação ao meio acadêmico é, muitas vezes, um processo complexo e difícil para o indivíduo. Apesar de na maioria dos casos a adaptação ser bem-sucedida, alguns alunos experienciam estados emocionais mal adaptativos que impossibilitam ou dificultam uma experiência acadêmica normativa, levando muitas vezes ao término ou interrupção dos estudos (DeBerard et al., 2008; Hillman 2005; Santos, 2007; citados em Soares et. al, 2015). Este efeito do insucesso escolar na personalidade autoritária do indivíduo pode também ser reflexo da relação do nível de escolaridade com a consciência crítica. Segundo os resultados deste estudo, a disposição dos indivíduos para apresentarem maiores níveis de consciência crítica aumenta conforme o grau de formação aumenta também. Procedendo-se a uma análise detalhada dos dados, verifica-se o seguinte: a reflexão crítica e a motivação crítica foram concordadas frequentemente por sujeitos com o grau de formação de 9º ano. Porém, estes sujeitos nunca realizaram uma ação crítica. Entre os sujeitos com grau de formação de 10º ano, verificou-se que a concordância em relação à reflexão crítica foi ligeira, havendo, no entanto, fortes níveis de concordância com a motivação crítica. Tal como no caso anterior, observou-se que nunca realizaram uma ação crítica. Relativamente aos indivíduos com graus de formação de 11º e 12º ano, a concordância média com a reflexão crítica foi alta, havendo também forte concordância com a motivação crítica. Porém, tal como nos casos anteriores, a ação crítica foi zero para o 11º ano e ligeiramente maior que um no 12º. Os participantes que detinham licenciatura tiveram uma média de concordância em relação à reflexão crítica similar aos de grau de formação de 11º ano, mas forte concordância em relação à

motivação crítica. No que diz respeito à ação crítica, a média foi um pouco mais do que para os participantes que concluíram o 12º ano. A média de concordância na reflexão crítica para os sujeitos com pós-graduação foi ligeiramente menor do que para os graus de formação anteriores, no entanto, verificou-se uma forte concordância na motivação crítica. A média na ação crítica foi a menor de todos os graus de formação. Relativamente aos participantes com mestrado, apresentaram uma média de concordância idêntica aos sujeitos com licenciatura, mas a concordância em relação à motivação crítica foi ligeiramente menor. Porém, a concordância na ação crítica foi um pouco maior do que os participantes com licenciatura. Por fim, sujeitos com doutoramento concordaram fortemente em relação à reflexão e motivação crítica, sendo a média de ação crítica de duas vezes no último ano. Resumindo, pode-se concluir que, a disposição dos indivíduos para apresentarem maiores níveis de reflexão e motivação crítica aumenta conforme o grau de formação aumenta também. Contudo, a ação crítica ainda é relativamente pouco frequente nos graus de formação maiores.

No ponto Terminologia, aquando da referência aos tópicos sugeridos por diversos autores (ver nº3 de Dean, Bell & Vakhitova (2016)), encontramos a noção de “cidadãos da nação” no momento em que se diz da necessidade de estes proteger, esta ideia de Cidadãos, nestes enquadramentos político-partidários são um grupo específico e tomado por referência a um ideal ou modelo de indivíduo que é daquele lugar, daquele país, que corresponde por direito hereditário a esse lugar e a esse grupo de pessoas que se tomam como superiores a quaisquer outros. A noção de pertença como aspeto crucial a ter em consideração, por exemplo no que respeita a condições de acesso à proteção, ao apoio, à salvaguarda do modo de vida. Esta retórica ignora o fato de muitos imigrantes e refugiados contribuírem muito para a economia dos países em que vivem, e que a exclusão destes pode ter efeitos negativos para a sociedade em questão.

Ainda neste ponto, mas no nº5, é mencionada a urgência de controle ou oposição clara ao multiculturalismo por este pretender alcançar a interculturalidade e, nesse momento, ter desvirtuado as chamadas “culturas individuais”. Esta ideia é, em si mesma, contrária à proposta de “aldeia global” (cf. McLuhan, 1964 ou as reflexões de Anthony Giddens em O Mundo na Era da Globalização de 2017) que se apresentou possível com o desenvolvimento tecnológico, com a possibilidade de contacto entre pessoas e culturas à distância de um toque num teclado para uma ligação telefónica, um encontro virtual, uma reunião num lugar do mundo pela manhã e no polo oposto ao final do dia. Sugeriria-se a igual dignidade das culturas e costumes, a possibilidade da comunhão de princípios e da convivência entre sujeitos de raízes bem distintas, esse seria o caminho da evolução.

Também neste mesmo ponto surge a ideia de “democracia liberal” como modelo social a cumprir e ter como exemplo, mas mais uma vez podemos discutir a apropriação destas noções pois se no começo da apresentação da necessidade de defesa do que seria tipicamente nacional se refere a importância de combate ao multiculturalismo, então em termos históricos a democracia Portuguesa, por exemplo, surgiu não com fundamento liberal, mas antes social, uma democracia onde o papel do Estado é entendido como providência, assumindo a defesa dos mais necessitados, assegurando as bases essenciais para o acesso (tendencialmente) gratuito e universal à educação e à saúde, por exemplo.

Como se não bastassem as possíveis contradições apontadas antes, o ponto 6 lembra-nos a vontade de construção/criação de Estados Fortes, esta noção, é talvez apenas a título de imagem do lugar do poder, uma noção de Estado controlado por alguém de “mão forte” que, ainda que não ostentando o título de ditador (importa lembrar que se apresentam todas estas considerações em nome de democracias liberais), na verdadeira execução do poder, este seria definido e aplicado numa hierarquia claramente definida e levada à ação sem salvaguarda de qualquer hipótese de dissidência.

Esta dissertação, inscrita num plano de estudos que tem a educação como charneira, não pode deixar de ponderar aspetos ligados às ferramentas disponíveis para a promoção do desenvolvimento das pessoas e das populações, nesse sentido, considerar a robustez do trabalho realizado como fomento do pensamento crítico também nos interessa e Eisen (2012) oferece alguma reflexão curiosa a esse propósito quando refere os ganhos potencialmente significativos para as escolhas de modos de vida das pessoas abrangidas pelo processo descrito (da utilização da fotografia narrativa pessoal como meio de ensino/aprendizagem) pois teriam tido a oportunidade de examinar criticamente os seus mundos e modos de vida dados como garantidos. Esta consideração é-nos especialmente interessante por referir a condição, por um lado talvez vital, de todas as pessoas lidarem com as suas vidas e os seus pontos de vista sobre cada situação, assentes na segurança possível do dia-a-dia. Quando “dados por adquiridos” os modos de ser e estar, talvez haja tendência a não se questionar suficientemente a própria forma de vida e dá-la como adquirida pode ser um risco pessoal, mas certamente será uma acomodação que dificulta o questionamento de si mesmo e dos Outros. Também Ribeiro, Neves e Menezes (2016) estudaram a participação cívica e política de jovens e a experiência durante a escolaridade é um dos fatores importantes a ter em consideração para o nosso tema.

Conclusão

A concretização deste estudo exploratório possibilitou uma melhor compreensão relativamente à relação entre consciência crítica e valores políticos autoritários de direita. Os resultados indicam que a CC está correlacionada negativamente com os referidos valores políticos. Esta conclusão pode ter implicações fundamentais para o modo em que promovemos a democracia e apelamos pela tolerância. Segundo estes resultados, a educação cívica deve focar-se no desenvolvimento de habilidades de pensamento e comportamento crítico, de modo a evitar a propagação de formas de pensamento extremistas e/ou autoritários. Esta constatação ganha ainda maior relevo na situação política e econômica global atual – momentos de crise e instabilidade são favoráveis à ascensão de políticas autoritárias e extremistas. A tensão e incerteza gerada pela pandemia do COVID-19, pelo decorrente conflito armado na Ucrânia e pelas crescentes disparidades econômicas podem levar os sujeitos a procurar explicações e soluções simples para problemas complexos. Isto tem se verificado no aumento gradual do apoio a líderes e partidos políticos autoritários de direita em várias partes do mundo (por exemplo, na Finlândia, o partido nacionalista The Finns juntou-se recentemente ao governo de coligação e, na Itália, a primeira ministra Giorgia Meloni chegou ao poder como líder de um partido político com raízes neo-fascistas, consultado em <https://bbc.com/> em 3 de Julho de 2023). Nesse sentido, os resultados indicam um meio de contrapor esta tendência, vincando o papel da CC na construção de uma sociedade justa e igualitária.

A amostra apresentou uma correlação positiva entre o nível de formação e a consciência crítica. Ou seja, à medida que o nível de formação aumenta, a tendência para apresentar maiores níveis de CC também. Porém, tal só se verificou frequente para a reflexão crítica e motivação crítica, indicando que, embora a disposição para refletir e agir criticamente possa estar presente, a ação crítica ainda é relativamente pouco frequente. Estes resultados sugerem a importância do ensino para o desenvolvimento da consciência crítica nos indivíduos. Assim, torna-se fundamental, como solução para este problema, o incentivo e a disponibilização de oportunidades e meios para a educação na sociedade, através de medidas que visem o acesso universal à educação, o aumento do financiamento acadêmico, o incentivo ao aprendizado e a valorização dos docentes.

Relativamente à análise da relação entre idade e valores políticos autoritários de direita, constatou-se uma relação complexa e não linear. Por outras palavras, pessoas jovens não são necessariamente mais propensas a adotarem valores democráticos e/ou

peessoas mais velhas não são necessariamente mais propensas a adotarem posições políticas autoritárias. É importante salientar que estas conclusões são específicas para a amostra utilizada e que mais pesquisas são necessárias para explorar melhor estas conclusões.

Relativamente à relação entre rendimento económico e valores políticos autoritários de direita, verificou-se que indivíduos com rendimentos mais elevados são mais propensos a discordar de valores autoritários. Porém, é de notar que as variações observadas não são necessariamente lineares e que a influência do rendimento nesta amostra foi relativamente pequena. Os desvios-padrões moderadamente altos sugerem o efeito de variáveis adicionais na posição política do indivíduo.

O estudo não deve ignorar a presença de algumas limitações. Uma elevada percentagem dos participantes discorda dos valores autoritários, condicionando assim a análise da correlação. Esta ausência de diversidade pode afetar a generalização dos resultados, visto que a amostra pode não ser representativa da população em geral. Apesar desta elevada discordância ser um reflexo positivo dos valores políticos dos participantes do estudo, também significa que a análise da influência dos valores autoritários em sujeitos que os apoiam ficou de certo modo limitada. Uma possível explicação para esta limitação ter ocorrido é o fato de grande parte da recolha de dados ter sido efetuada no meio académico, tanto através de páginas nas redes sociais associadas a instituições académicas, bem como através de mensagens/e-mails direcionadas a estudantes universitários. A comunidade académica é conhecida por incentivar o espírito crítico e a liberdade de expressão, o que pode ter influenciado o perfil dos participantes. Outra possível explicação é a possibilidade de certos sujeitos que se identificam com este tipo de valores políticos serem menos propensos a querer participar no estudo, visto se tratar de um tema sensível e controverso.

Perguntamo-nos se estarmos realmente corretos ou a pensar “bem” implica estar disponível para nos pormos em causa e, se necessário, modificar o nosso modo de ver a vida ou conceber a existência e/ou o mundo. As pessoas que evitam uma discussão com alguém, ou sobre algum tema de que discordam, não se preocupam, de facto, com a verdade, mas sim com a sua forma fechada de conceber a vida e nesta, cada assunto pessoal ou coletivo, lembra Michael Shermer (2002) no seu trabalho intitulado “why people believe weird things”. Por outro lado, se atentarmos a Zmigrod, Eisenberg, Bissett, Robbins e Poldrack (2021), podemos acrescentar que as atitudes ideológicas espelham os processos cognitivos individuais de tomada de decisão, mais uma vez, seria importante perceber quem são estas pessoas e se escolhem não responder por tenderem para um ou

outro dos polos do espectro político. Estes autores referem que ser conservador será quase um sinonimo de ser cauteloso e a investigação revela esta ligação.

Se voltarmos aos já clássicos autores, encontramos, por exemplo no dizer de Max Horkheimer (1972) a ideia de que se a própria definição de ciência era já (à época) cada vez mais abstrata, sendo assim, como pode conformar-se o pensamento? Afirmava o autor que o conformismo no pensamento e a insistência de que pensar é uma vocação fixa, um dado adquirido na sociedade, trai a própria essência do pensamento. Será este, pensamos, o ponto crítico de todos os trabalhos sobre o humano e a vida tal como a conhecemos: importa questionarmo-nos e podermos fazê-lo sobre todos os assuntos e em liberdade. Poderá a Psicologia contribuir para este desígnio?

Bibliografia

- Akrami, N., & Ekehammar, B. (2006). Right-wing authoritarianism and social dominance orientation. *Journal of Individual Differences*, 27(3), 117-126.
- Allport, G. (1979) *The Nature of Prejudice*. Reading MA. Addison-Wesley.
- Altemeyer, B. (1983). Right-wing authoritarianism. Univ. of Manitoba Press.
- Armin Falk, I. Z. A., & Zweimüller, J. (2005). Unemployment and Right-Wing Extremist Crime
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Barros, T. S., Torres, A. R. R., & Pereira, C. (2009). Autoritarismo e adesão a sistemas de valores psicossociais. *Psico-USF*, 14, 47-58.
- Blee, K. (2021) Women in white supremacist extremism, *European Journal of Politics and Gender*, vol 4, no 2, 315–317, DOI: 10.1332/251510821X16140911385376
- Bouron, S., Bruno, V. A., Charvát, J., Cretan, R., Fernandes, R. C., Dziegielewski, J., ... Walach, V. (2021, January). State of Hate: Far-Right Extremism in Europe. *HOPE Not Hate Charitable Trust; Amadeu Antonio Stiftung; Expo Foundation*. A collaborative report ACHADO ONDE?
- Caiani, M. (2017). Radical right-wing movements: Who, when, how and why?. *Sociopedia. isa*, 1-15.
- Canetti, D., & Pedahzur, A. (2002). The effects of contextual and psychological variables on extreme right-wing sentiments. *Social Behavior & Personality: an international journal*, 30(4).
- Carone, I. (2012). A personalidade autoritária: estudos frankfurtianos sobre o fascismo. *Revista Sociologia em Rede*, 2(02).
- Chickering, A.W.; & Reisser, L. (1993). *Education and Identity*. San Francisco. Jossey-Bass.
- Critical Consciousness – Excellence in school counseling*. (2016). Excellence in School Counseling – A Construct Based Approach. <https://excellenceinschoolcounseling.com/develop-a-cba/define-student-excellence-overview/relationships-overview/critical-consciosness/index.html>

- Dean, G., Bell, P., & Vakhitova, Z. (2016). Right-wing extremism in Australia: The rise of the new radical right. *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 11(2), 121-142. <https://doi.org/10.1080/18335330.2016.1231414>
- Diemer, M. A. (2020). Pushing the envelope: The who, what, when, and why of critical consciousness. *Journal of applied developmental psychology*, 70, 101192
- Diemer, M. A., Frisby, M. B., Pinedo, A., Bardelli, E., Elliot, E., Harris, E., ... & Voight, A. M. (2022). Development of the short critical consciousness scale (ShoCCS). *Applied developmental science*, 26(3), 409-425.
- Diemer, M. A., & Li, C. H. (2011). Critical consciousness development and political participation among marginalized youth. *Child development*, 82(6), 1815-1833.
- Duckitt, J. (2006). Differential effects of right wing authoritarianism and social dominance orientation on outgroup attitudes and their mediation by threat from and competitiveness to outgroups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(5), 684-696.
- Edelstein, W. (2003). *A culture of threat: Right-wing extremism and negative identity formation in German youth*. *New Directions for Youth Development*, 2003(98), 81-97. doi:10.1002/yd.45
- Eisen, D.B. (2012). Developing a Critical Lens: Using Photography to Teach Sociology and Create Critical Thinkers. *Teaching Sociology*, 40 (4), 349-359. <https://doi.org/10.1177/0092055X12448322>
- El-Amin, A., Seider, S., Graves, D., Tamerat, J., Clark, S., Soutter, M., ... & Malhotra, S. (2017). Critical consciousness: A key to student achievement. *Phi Delta Kappan*, 98(5), 18-23.
- Ferreira, J. A.; & Ferreira, A. G.. (2001). Desenvolvimento psicológico e social do jovem adulto e implicações pedagógicas no âmbito do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia XXXV* 3, 119-159.
- Ferreira, J. A.; Medeiros, M. T.; & Pinheiro, M R.. (1997). "A teoria de Chickering e o desenvolvimento do estudante do Ensino Superior". *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXI (1 e 2), 139-164. XXXI 1 e 2, 139-164.
- Freire, P (1973). *Education for critical consciousness*. New York: Seabury.
- Gattinara, P., & Pirro, A. L. (2019). The far right as social movement. *European Societies*, 21(4), 447-462

- Grigoryev, D., Batkhina, A., Conway, L. G., III, & Zubrod, A. (2022). Authoritarian attitudes in Russia: Right-wing authoritarianism and social dominance orientation in the modern Russian context. *Asian Journal of Social Psychology*, 25(4), 623-645.
- Haste, H. (2004). Constructing the Citizen. *Political Psychology*, 25 (3), 413-439. https://www.researchgate.net/publication/227799244_Constructing_the_Citizen
- Haste, H. (2005). Moral responsibility and citizenship education. In D. Wallace (Ed.). *Art, Science and Morality: Creative Journeys* (143-167). New York. Plenum.
- Heberle, A. E., Rapa, L. J., & Farago, F. (2020). Critical consciousness in children and adolescents: A systematic review, critical assessment, and recommendations for future research. *Psychological Bulletin*, 146(6), 525.
- Horkheimer, M. (1972). Traditional and Critical Theory. In M. Horkheimer, *Critical Theory*. Selected Essays. New York: Herder and Herder. Consultado em maio 2022 em: https://criticaltheoryworkshop.com/wp-content/uploads/2018/03/horkheimer_traditional-and-critical-theory.pdf
- Institute for Economics and Peace. (2020). *Global terrorism index 2020: Measuring the impact of terrorism*
- Ivarsflaten, E. (2005). The vulnerable populist right parties: No economic realignment fuelling their electoral success. *European Journal of Political Research*, 44, 465-492.
- Ivarsflaten, E. (2008). What unites right-wing populists in Western Europe? Reexamining grievance mobilization models in seven successful cases. *Comparative Political Studies*, 41, 3-23.
- Rieger, D., Frischlich, L., & Bente, G. (2013). Propaganda 2.0: Psychological effects of right-wing and Islamic extremist internet videos.
- Jemal, A. (2017). Critical consciousness: A critique and critical analysis of the literature. *The Urban Review*, 49(4), 602-626.

- Jost, J.T.; & Sidanius, J. (Ed.). (2004). *Political Psychology: Key readings*. New York. Psychology Press.
<https://nibmehub.com/opac-service/pdf/read/Political%20Psychology%20by%20John%20T.%20Jost.pdf>
- Jost, J. T., Nosek, B. A., & Gosling, S. D. (2008). Ideology: Its resurgence in social, personality, and political psychology. *Perspectives on Psychological Science*, 3(2), 126-136.
- Koehler, D. (2016). Right-wing extremism and terrorism in Europe. *Prism*, 6(2), 84-105.
- Krall, H. (2021). Youth Cultures, Right-Wing Extremism and Violence. *Youth Cultures in a Globalized World: Developments, Analyses and Perspectives*, 135-153
- Laythe, B., Finkel, D., & Kirkpatrick, L. A. (2001). Predicting prejudice from religious fundamentalism and right-wing authoritarianism: A multiple-regression approach. *Journal for the scientific study of Religion*, 40(1), 1-10.
- Lhullier, L.A. (2008). A Psicologia Política e o uso da categoria “Representações Sociais” na pesquisa do comportamento político. In Zanella, A.V., et al. (Org). *Psicologia e Práticas Sociais* (online). Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Pp.110-120.
<https://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-10.pdf>
- Lubbers, M. (2001). Exclusionistic electorates: Extreme right-wing voting in Western Europe. Nijmegen University, Nijmegen, Netherlands
- Lubbers, M., Gijsberts, M., & Scheepers, P. (2002). Extreme right-wing voting in Western Europe. *European Journal of Political Research*, 41, 345-378.
- Lucassen, G., & Lubbers, M. (2012). Who fears what? Explaining far-right-wing preference in Europe by distinguishing perceived cultural and economic ethnic threats. *Comparative Political Studies*, 45(5), 547-574.
- Miller-Idriss, C., & Pilkington, H. (2017). In search of the missing link: Gender, education and the radical right. *Gender and Education*, 29(2), 133-146.
- Miller-Idriss, C. (2019). *The extreme gone mainstream: commercialization and far right youth culture in Germany*. Princeton University Press.

- Mudde, C. (2019). *The Far right today*. Polity Press.
- Mullainathan, S., & Shafir, E. (2013). *Scarcity: Why having too little means so much*. Macmillan.
- Norris, P. (2005). *Radical right: Voters and parties in the electoral market*. Cambridge, UK: Cambridge University Press
- Ribeiro, N.; Neves, T.; & Menezes, I. (2016). Participação Cívica e Política de Jovens Imigrantes e Portugueses. *Análise Social*, 221, LI (4º), 822-849. http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_221_art03.pdf
- Roccatò, M., & Russo, S. (2017). Right-wing authoritarianism, societal threat to safety, and psychological distress. *European Journal of Social Psychology*, 47(5), 600-610.
- Rydgren, J. (2008). Immigration sceptics, xenophobes or racists? Radical right-wing voting in six West European countries. *European Journal of Political Research*, 47, 737-765.
- Saunders, B. A., & Ngo, J. (2017). The right-wing authoritarianism scale. *Encyclopedia of personality and individual differences*, 1(4), 1-4.
- Sen, A. (2011). Symposium on the Idea of Justice Rutgers University, 2011: A Reply. *Rutgers LJ*, 43, 317.
- Sen, A. (2018). *Collective choice and social welfare*. Harvard University Press.
- Shermer, M. (2002). *Why People Believe Weird Things?*. New Yourk. Henry Holt and Company. (<https://www.bookboxpdf.com/michael-shermer-why-people-believe-weird-things/>)
- Soares, A. M., do Rosário Pinheiro, M., & Canavarro, J. M. P. (2015). Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. *Psychologica*, 58(2), 97-116.
- Soares, A. G., Simões, C. L., & Romero, T. G. (2020). Crises econômicas, ascensão da extrema direita e a relativização dos direitos humanos. *Cadernos De Campo: Revista De Ciências Sociais*, (28), 193–223. <https://doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.193223>
- Van der Brug, W., Fennema, M., & Tillie, J. (2005). Why some anti-immigrant parties fail and others succeed. *Comparative Political Studies*, 38, 537-573.

Watts, R. J., Diemer, M. A., & Voight, A. M. (2011). Critical consciousness: Current status and future directions. *New directions for child and adolescent development*, 2011(134), 43-57.

Wylie, L., & Forest, J. (1992). Religious fundamentalism, right-wing authoritarianism and prejudice. *Psychological reports*, 71(3_suppl), 1291-1298..

Zmigrod, L.; Eisenberg, I.W.; Bissett, P.G.; Robbins, T.W.; & Poldrack, R.A. (2021). The cognitive and perceptual correlates of ideological attitudes: a data-driven approach. *Philosophical Transactions B Royal Society* 376(1822), 1-14. <https://doi.org/10.1098/rstb.2020.0424>

Anexos

Anexo I – Questionário

Estudo da relação entre consciência crítica e propensão para tipos de valores ideológico-políticos

Caro(a) participante, o meu nome é João Barros e sou estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC). O presente estudo é realizado no âmbito da minha dissertação de Mestrado na área da Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, sob orientação da Professora Doutora Maria Jorge Ferro. Deste modo, venho solicitar a sua colaboração neste estudo que tem como objetivo analisar a relação entre a consciência crítica e a ideologia política do indivíduo. Este estudo tem como destinatários todos os indivíduos com mais de 18 anos. A sua participação é de carácter voluntário e anónimo, podendo, em qualquer momento e por qualquer motivo, desistir de colaborar neste estudo. O questionário é composto por um conjunto de questões de escolha múltipla. O tempo médio de preenchimento é de 15 minutos.

Os resultados do estudo serão tratados coletivamente e utilizados apenas para fins de investigação. Peço, assim, que leia as questões com atenção e que responda da forma mais genuína possível. Não existem respostas certas ou erradas.

Aceita participar nesta investigação?

1. Sim
2. Não

Dados sociodemográficos

Código (iniciais do nome, por exemplo João Pedro Santos: JPS):

Idade:

Sexo:

1. Masculino
2. Feminino

Outra:

Etnia:

1. Branco
2. Negro
3. Asiático
4. Cigano

Outra:

Orientação sexual:

1. Heterossexual
2. Homossexual
3. Bissexual
4. Pansexual
5. Assexual

Outra:

Nacionalidade:

1. Português

Outra:

Grau de formação (coloque apenas apenas o último grau de formação que completou; por exemplo, se ainda estiver a realizar uma licenciatura, deve indicar "12ºano"):

É atualmente estudante do ensino superior?

1. Sim
2. Não

Se respondeu sim à pergunta anterior, que curso frequenta?

Em que universidade?

No caso de depender do seu agregado familiar, qual o rendimento mensal líquido do agregado? Se não se aplicar, escreva "N.A."

No caso de não depender do seu agregado familiar, qual o seu rendimento mensal líquido? Se não se aplicar, escreva "N.A." *

(Diemer, Frisby, Pined, Bardelli, Elliot, Harris, McAlister, Voight, 2020); No âmbito deste estudo, foi utilizada uma versão traduzida por Almeida e Ferreira (2020). Uma vez que esta versão ainda não foi publicada oficialmente, será apresentada em anexo a versão original da escala, elaborada por Diemer et al.

Please respond to the following statements by circling how much you agree or disagree with each statement. For each statement, choose “Strongly Disagree,” “Mostly Disagree,” “Slightly Disagree,” “Slightly Agree,” “Mostly Agree,” or “Strongly Agree.”

Certain racial or ethnic groups have fewer chances to get good jobs

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

Certain racial or ethnic groups have fewer chances to get ahead

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

Women have fewer chances to get ahead

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

Poor people have fewer chances to get ahead

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

It is important for young people to know what is going on in the world

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

It is important to correct social and economic inequality

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

It is my responsibility to get involved and make things better for society

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

People like me should participate in the political activity and decision making of our country

1. Strongly disagree
2. Mostly disagree
3. Slightly disagree
4. Slightly agree
5. Mostly agree
6. Strongly agree

ShoCCS

Please respond to the following statements by circling how often you were involved in each activity in the last year. For each statement, choose “Never did this,” “Once or twice last year,” “Once every few months,” “At least once a month,” or “At least once a week.”

Participated in a civil rights group or organization

1. Never did this
2. Once or twice last year
3. Once every few months
4. At least once a month
5. At least once a week

Participated in a political party, club, or organization

1. Never did this
2. Once or twice last year
3. Once every few months
4. At least once a month
5. At least once a week

Contacted a public official by phone, mail, or email to tell him/her how you felt about a particular social or political issue

1. Never did this
2. Once or twice last year
3. Once every few months
4. At least once a month
5. At least once a week

Joined in a protest march, political demonstration, or political meeting

1. Never did this
2. Once or twice last year
3. Once every few months
4. At least once a month
5. At least once a week

Participated in a human rights, gay rights, or women's rights organization or group

1. Never did this
2. Once or twice last year
3. Once every few months
4. At least once a month
5. At least once a week

RWA

(Altemeyer, 1981)

Por favor responda às seguintes afirmações assinalando em que medida concorda ou discorda de cada uma delas

As autoridades tendem a ter a razão, enquanto que os radicais e os manifestantes são, normalmente, ignorantes.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

As mulheres deveriam ter que prometer obediência aos maridos no casamento.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

O nosso país precisa desesperadamente de um líder que faça o que for preciso para destruir as novas formas radicais que nos estão a arruinar.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo

6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

Os homossexuais são tão saudáveis e morais como qualquer pessoa.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

É sempre melhor confiar no julgamento das autoridades competentes do governo e da religião do que dar ouvidos a bocas agitadoras que só querem criar dúvidas nas mentes das pessoas.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

Os ateus e outros que rejeitam as religiões estabelecidas são, sem dúvida, tão bons e virtuosos como os que vão à igreja regularmente.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente

5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

A única maneira do nosso país ultrapassar esta crise é voltarmos aos nossos valores tradicionais, colocar um líder forte no poder e silenciar os agitadores que espalham más ideias.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Não existe nada de absolutamente errado em campos nudistas.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

O nosso país precisa de pensadores livres que tenham a coragem de desafiar os valores tradicionais, mesmo que isso perturbe muitas pessoas.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente

4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

O nosso país vai se arruinar se não acabarmos com as perversões que corroem a nossa moralidade e crenças tradicionais.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Toda gente deve ter a liberdade para escolher o seu estilo de vida, crenças religiosas e preferências sexuais. Mesmo que seja diferente de todas as outras pessoas.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

As maneiras e os valores antigos são a melhor maneira de viver a vida.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente

4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

As pessoas que desafiaram a lei e a opinião da maioria protestando pelo direito ao aborto, pelos direitos dos animais e pela abolição da oração escolar merecem admiração.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

O que o nosso país realmente precisa é de um líder forte e determinado que acabe com o mal e nos meta no rumo certo.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Algumas das melhores pessoas neste país são aquelas que desafiam o governo, criticam a religião e ignoram "as maneiras normais de fazer as coisas".

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente

3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

As leis de Deus sobre o aborto, pornografia e casamento devem ser firmemente seguidas antes que seja tarde de mais, e aqueles que não as seguem devem ser castigados.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

Existem muitas pessoas radicais e imorais no nosso país que estão a tentar arruiná-lo para seu próprio benefício, as autoridades deviam tratar deles.

1. Discordo fortemente
2. Discordo maioritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo maioritariamente
9. Concordo fortemente

O lugar da mulher é onde ela quiser. Os tempos em que as mulheres se submetiam aos seus maridos e às convenções sociais pertencem ao passado.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

O nosso país será grande se honrarmos as maneiras dos nossos antepassados, se fizermos o que as autoridades nos disserem para fazer e se nos livramos de todas as "maçãs podres" que estão a arruinar tudo.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Não existe uma maneira correta de viver a vida; cada pessoa tem que criar a sua.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Os homossexuais e as feministas devem ser admiradas/os por serem corajosas/os o suficiente para desafiar os valores tradicionais familiares.

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

Este país estaria bem melhor se certos grupos de agitadores se calassem e aceitassem o seu lugar tradicional na sociedade

1. Discordo fortemente
2. Discordo majoritariamente
3. Discordo moderadamente
4. Discordo ligeiramente
5. Não concordo nem discordo
6. Concordo ligeiramente
7. Concordo moderadamente
8. Concordo majoritariamente
9. Concordo fortemente

As questões que se seguem referem-se às atitudes pessoais que caracterizam a maneira de ser de cada um. Para cada questão apresentada responda Sim ou Não, escolhendo a opção que melhor corresponde ao que pensa de si.

Já alguma vez detestou alguém?

1. Sim
2. Não

Às vezes fala de coisas sobre as quais não sabe nada?

1. Sim
2. Não

Alguma vez estragou ou perdeu alguma coisa que pertencia a outra pessoa?

1. Sim
2. Não

Age sempre de acordo com o que diz?

1. Sim
2. Não

Alguma vez culpou alguém sabendo que a responsabilidade era sua?

1. Sim
2. Não

Às vezes gosta de falar da vida dos outros?

1. Sim
2. Não

Alguma vez ficou com alguma coisa (nem que fosse uma caneta ou uma moeda) que pertencia a outra pessoa?

1. Sim
2. Não

Alguma vez fingiu estar doente para se livrar de fazer alguma coisa que não queria?

1. Sim
2. Não

Às vezes gaba-se um pouco?

1. Sim
2. Não

Alguma vez fez batota num jogo?

1. Sim
2. Não

Deixa às vezes para amanhã o que deveria fazer hoje?

1. Sim
2. Não

Alguma vez disse mal de alguém?

1. Sim
2. Não

Já alguma vez insistiu bastante para que as coisas fossem feitas à sua maneira?

1. Sim
2. Não

Quando era criança alguma vez foi mal-educado(a) para com os seus pais?

1. Sim
2. Não

Já alguma vez disse alguma coisa com a intenção de magoar alguém?

1. Sim
2. Não

Seria capaz de entrar num cinema sem pagar, se tivesse a certeza de que não seria detetado(a)?

1. Sim
2. Não

Já alguma vez se aproveitou de alguém?

1. Sim
2. Não

Alguma vez aceitou um elogio sabendo que o mérito não era seu mas sim de outra pessoa?

1. Sim
2. Não

Alguma vez se irritou porque as pessoas expressavam ideias muito diferentes das suas?

1. Sim
2. Não

Já alguma vez teve inveja da boa sorte dos outros?

1. Sim
2. Não

Aceitaria participar numa segunda fase da investigação? Se sim, introduza o seu endereço de e-mail

Anexo II - Tabelas

Tabela 1 – Distribuição da amostra por características sociodemográficas

		n	%
P1 Aceita participar nesta investigação?	Não	1	,6
	Sim	162	99,4
P4 Sexo	Feminino	98	60,5
	Masculino	64	39,5
P5 Etnia	Branco	155	96,3
	Negro	4	2,5
	Asiático	0	,0
	Cigano	0	,0
	Indiano	1	,6
	Pardo	1	,6
P6 Orientação sexual	Heterossexual	144	89,4
	Homossexual	4	2,5
	Bissexual	12	7,5
	Pansexual	1	,6
	Assexual	0	,0
P8 Grau de formação (coloque apenas apenas o último grau de formação que completou; por exemplo, se ainda estiver a realizar uma licenciatura, deve indicar "12ºano"):	9º ano	2	1,3
	10º ano	1	,6
	11º ano	2	1,3
	12º ano	58	36,5
	Licenciatura	48	30,2
	Pós-graduação	5	3,1
	Mestrado	31	19,5
	Doutoramento	11	6,9
	Pós-doutoramento	1	,6
P9 É atualmente estudante do ensino superior?	Não	103	63,6
	Sim	59	36,4
P13 Escalões de endimento mensal líquido	300€ - 600€	6	8,3
	601€ - 900€	27	37,5
	901€ - 1200€	13	18,1
	1201€ - 1500€	8	11,1
	> 1500€	18	25,0

Tabela 2 – Distribuição da amostra por escalão etário

	n	%
18 - 20 anos	19	11,8
21 - 30 anos	74	46,0
31 - 45 anos	35	21,7
>= 46 anos	33	20,5
Total	161	100,0

Tabela 3 – Resultado médio e desvio-padrão da idade

	n	Média	Desvio-padrão
P3	163	33,50	14,57

Tabela 4 – Reflexão crítica (Escala ShoCCS)

	n	Média	Desvio-padrão
ShoCCS Reflexão crítica P14	163	4,85	1,26
ShoCCS Reflexão crítica P15	163	4,56	1,36
ShoCCS Reflexão crítica P16	163	4,00	1,56
ShoCCS Reflexão crítica P17	163	4,59	1,46

Tabela 5 – Motivação crítica (Escala ShoCCS)

	n	Média	Desvio-padrão
ShoCCS_P22	163	1,58	1,02
ShoCCS_P23	163	1,53	,99
ShoCCS_P24	163	1,48	,77
ShoCCS_P25	163	1,56	,83
ShoCCS_P26	163	1,60	1,03

Tabela 6 – Ação crítica (Escala ShoCCS)

	n	Média	Desvio-padrão
ShoCCS Ação crítica P22	163	1,58	1,02
ShoCCS Ação crítica P23	163	1,53	,99
ShoCCS Ação crítica P24	163	1,48	,77
ShoCCS Ação crítica P25	163	1,56	,83
ShoCCS Ação crítica P26	163	1,60	1,03

Tabela 7 – Escala RWA (Cotação 1 a 9)

	n	Média	Desvio-padrão
RWA P30	163	1,50	1,46
RWA P32	163	1,73	1,62
RWA P34	163	2,36	1,94
RWA P35	163	2,54	1,82
RWA P37	163	1,27	,76
RWA P39	163	2,63	2,03
RWA P41	163	4,91	2,32
RWA P44	163	1,22	1,05
RWA P46	163	1,87	1,44
RWA P47	163	3,30	2,23

Tabela 8 – Escala RWA (cotação 9 a 1 – invertida)

	n	Média	Desvio-padrão
RWA P30	163	1,50	1,46
RWA P32	163	1,73	1,62
RWA P34	163	2,36	1,94
RWA P35	163	2,54	1,82
RWA P37	163	1,27	,76
RWA P39	163	2,63	2,03
RWA P41	163	4,91	2,32
RWA P44	163	1,22	1,05
RWA P46	163	1,87	1,44
RWA P47	163	3,30	2,23

Tabela 9 – Escala EDS-20

		Pontos
EDS20_P49	Não	53
EDS20_P50	Não	94
EDS20_P51	Não	46
EDS20_P52	Sim	54
EDS20_P53	Não	102
EDS20_P54	Não	54
EDS20_P55	Não	37
EDS20_P56	Não	68
EDS20_P57	Não	73
EDS20_P58	Não	53
EDS20_P59	Não	11
EDS20_P60	Não	15
EDS20_P61	Não	19
EDS20_P62	Não	57
EDS20_P63	Não	64
EDS20_P64	Não	93
EDS20_P65	Não	123
EDS20_P66	Não	133
EDS20_P67	Não	59
EDS20_P68	Não	73

Tabela 10 – Relação entre idade (escalão etário) e os valores autoritários

		Valores autoritários (Cotação 1 a 9)			Valores autoritários (Cotação 9 a 1)		
		n	Média	Desvio-padrão	n	Média	Desvio-padrão
P3	18 - 20 anos	19	3,40	1,68	19	2,03	1,03
	21 - 30 anos	74	2,95	1,19	74	2,18	,88
	31 - 45 anos	35	3,36	1,54	35	2,50	,99
	>= 46 anos	33	3,12	1,68	33	2,73	1,26

Tabela 11 – Relação entre rendimento (escalão de rendimento mensal líquido) e os valores autoritários

		Valores autoritários (Cotação 1 a 9)			Valores autoritários (Cotação 9 a 1)		
		n	Média	Desvio-padrão	n	Média	Desvio-padrão
P13	300€- 600€	6	3,10	2,26	6	1,87	,37
	601€- 900€	27	3,23	1,45	27	2,33	,90
	901€- 1200€	13	2,97	1,09	13	2,56	1,16
	1201€- 1500€	8	3,69	1,35	8	2,31	1,72
	> 1500€	18	2,44	1,02	18	2,50	,70

Tabela 12 – Relação entre grau de formação e a consciência crítica (reflexão crítica, motivação crítica e ação crítica)

		Reflexão Crítica			Motivação Crítica			Ação Crítica		
		n	Média	Desvio-padrão	n	Média	Desvio-padrão	n	Média	Desvio-padrão
P8	9º ano	2	4,88	1,59	2	5,50	,00	2	1,00	,00
	10º ano	1	4,50	.	1	5,50	.	1	1,00	.
	11º ano	2	4,88	1,59	2	5,75	,35	2	1,00	,00
	12º ano	58	4,22	1,32	58	5,65	,41	58	1,47	,70
	Licenciatura	48	4,56	1,01	48	5,63	,45	48	1,43	,54
	Pós-graduação	5	4,05	2,09	5	5,75	,20	5	1,20	,35
	Mestrado	31	4,58	1,01	31	5,46	,47	31	1,69	,79
	Doutoramento	11	5,50	,52	11	5,77	,28	11	2,16	,69
	Pós-doutoramento	1	6,00	.	1	5,75	.	1	3,00	.

Tabela 13 – Coeficiente de Pearson entre Consciência crítica e Valores autoritários¹

	Reflexão crítica	Motivação crítica	Ação crítica
Valores autoritários (Cotação 1 a 9)	-0,349**	-0,157*	-0,317**
Valores autoritários (Cotação 9 a 1)	-0,303**	-0,223**	-0,171*

** significativo para 0,01

* significativo para 0,0

Tabela 14 - Alpha de Cronbach do construto: Reflexão Crítica

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,882	4

Tabela 15 – Alpha de Cronbach do construto: Reflexão Crítica

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ShoCCS_P14	13,15	14,839	,750	,849
ShoCCS_P15	13,44	13,727	,808	,824
ShoCCS_P16	14,01	13,099	,722	,860
ShoCCS_P17	13,41	13,809	,714	,860

Tabela 16 – Alpha de Cronbach do construto: Motivação Crítica

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,531	4

Tabela 17 – Alpha de Cronbach do construto: Motivação Crítica

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ShoCCS_P18	16,68	2,183	,242	,518
ShoCCS_P19	16,69	2,002	,368	,435
ShoCCS_P20	16,76	1,833	,451	,366
ShoCCS_P21	17,33	1,277	,317	,532

Tabela 18 – Alpha de Cronbach do construto: Ação Crítica

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,804	5

Tabela 19 – Alpha de Cronbach do construto: Ação Crítica

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ShoCCS_P22	6,14	7,520	,648	,747
ShoCCS_P23	6,19	7,956	,580	,770
ShoCCS_P24	6,27	9,820	,381	,820
ShoCCS_P25	6,18	8,174	,714	,733
ShoCCS_P26	6,14	7,516	,644	,749

Tabela 20 – Alpha de Cronbach do construto: Valores autoritários (Cotação 1 a 9)

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,816	10

Tabela 21 – Alpha de Cronbach do construto: Valores autoritários (Cotação 1 a 9)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
RWA_P29	27,48	171,339	,393	,812
RWA_P31	27,36	171,157	,449	,805
RWA_P33	29,25	174,866	,574	,794
RWA_P36	27,55	161,649	,553	,793
RWA_P38	28,60	184,391	,331	,815
RWA_P40	26,86	157,981	,542	,795
RWA_P42	29,59	187,493	,430	,808
RWA_P43	26,93	159,714	,527	,797
RWA_P45	28,61	161,238	,692	,779
RWA_P48	28,60	171,392	,577	,792

Tabela 22 – Alpha de Cronbach do construto: Valores autoritários (Cotação 9 a 1)

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,793	10

Tabela 23 - Alpha de Cronbach do construto: Valores autoritários (Cotação 9 a 1)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
RWA_P30	21,89	93,687	,332	,789
RWA_P32	21,65	88,928	,446	,777
RWA_P34	21,02	81,312	,577	,760
RWA_P35	20,84	79,607	,683	,747
RWA_P37	22,12	98,180	,432	,786
RWA_P39	20,76	82,994	,489	,773
RWA_P41	18,47	85,000	,349	,797
RWA_P44	22,17	95,953	,396	,785
RWA_P46	21,52	89,026	,519	,771
RWA_P47	20,08	77,462	,582	,759

Tabela 24 – Coeficiente de correlação linear de Pearson

Correlations						
		Reflexão Crítica	Motivação Crítica	Ação Crítica	Valores autoritários (Cotação 1 a 9)	Valores autoritários (Cotação 9 a 1)
Reflexão Crítica	Pearson Correlation	1	,261**	,279**	-,349**	-,303**
	Sig. (2-tailed)		,001	,000	,000	,000
	N	162	160	160	161	161
Motivação Crítica	Pearson Correlation	,261**	1	,173*	-,157*	-,223**
	Sig. (2-tailed)	,001		,030	,049	,005
	N	160	160	158	159	159
Ação Crítica	Pearson Correlation	,279**	,173*	1	-,317**	-,171*
	Sig. (2-tailed)	,000	,030		,000	,031
	N	160	158	160	159	159
Valores autoritários (Cotação 1 a 9)	Pearson Correlation	-,349**	-,157*	-,317**	1	,354**
	Sig. (2-tailed)	,000	,049	,000		,000
	N	161	159	159	161	160
Valores autoritários (Cotação 9 a 1)	Pearson Correlation	-,303**	-,223**	-,171*	,354**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,005	,031	,000	
	N	161	159	159	160	161

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Anexo III

1. Para ti quais são os valores que consideras mais importantes numa sociedade?
2. Como é que a tua educação/experiências de vida influenciou a tua visão sobre questões políticas e sociais? (por exemplo como defines a educação que recebeste a partir da tua família)
3. Quais são as características/valores mais importantes do que é para ti um/a cidadão ativo e informado?
4. O que é que entendes por “seguir em frente”? (tal como consta do questionário: certos grupos raciais ou étnicos/as mulheres/ pessoas pobres “têm menos oportunidades de seguir em frente”).
5. O que é para ti “um bom emprego”? (*as 4 primeiras*)
6. Votas quando há eleições? (se sim/não, por favor explica a tua decisão)
7. O que pensas sobre “políticos”?
8. O que pensas sobre “influencers”?
9. Conheces (sabes quem são) os parlamentares da tua área de residência/voto independentemente do partido a que pertençam?
10. Quais são as características do que é para ti um bom líder político?
11. Há (haverá) algum motivo/tema que te fizesse ligar a uma organização ou coletividade? (Partido político, igreja, associação...)

12. O que pensas sobre marchas ou outras formas públicas de reivindicação/chamada de atenção (nacional ou extra-nacional)? (por exemplo coletes amarelos em França, Pride month, ...)
13. Para ti o que é “obediência”? Alguém deve obediência a alguém?
14. O que é ser “livre pensador”?
15. O que são “valores tradicionais”?
16. Como te posicionas em relação a qualquer um destes termos/conceitos?
17. Um exercício de exagero: a ter de escolher lugar político-partidário alinharias à esquerda ou à direita?